

PUCRS

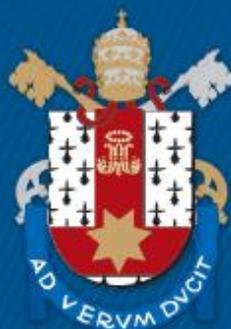
ESCOLA DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
MESTRADO EM HISTÓRIA

FERNANDA TRENTINI AMBIEDO

**FÁBRICA DE MASSAS ALIMENTÍCIAS JOSÉ PAPPALARDO: UM  
IMIGRANTE ITALIANO EM PORTO ALEGRE (1932 - 1968)**

Porto Alegre  
2018

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul

FERNANDA TRENTINI AMBIEDO

FÁBRICA DE MASSAS ALIMENTÍCIAS JOSÉ PAPPALARDO: UM  
IMIGRANTE ITALIANO EM PORTO ALEGRE (1932 - 1968)

Dissertação apresentada como  
requisito para a obtenção do grau  
de Mestre pelo Programa de Pós-  
Graduação em História da Escola  
de Humanidades da Pontifícia  
Universidade Católica do Rio  
Grande do Sul.

Orientador: Dr. Antonio de Ruggiero

Porto Alegre

2018

FERNANDA TRENTINI AMBIEDO

FÁBRICA DE MASSAS ALIMENTÍCIAS JOSÉ PAPPALARDO: UM  
IMIGRANTE ITALIANO EM PORTO ALEGRE (1932 - 1968)

Dissertação apresentada como  
requisito para a obtenção do grau  
de Mestre pelo Programa de Pós-  
Graduação em História da Escola  
de Humanidades da Pontifícia  
Universidade Católica do Rio  
Grande do Sul.

Aprovada em: \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof. Dr. Antonio de Ruggiero - PUCRS - Orientador

---

Profa. Dra. Claudia Musa Fay - PUCRS

---

Profa. Dra. Máira Inês Vendrame - PUCRS

Porto Alegre

2018

## Ficha Catalográfica

A492f Ambiedo, Fernanda Trentini

Fábrica de Massas Alimentícias José Pappalardo : Um imigrante italiano em Porto Alegre (1932 - 1968) / Fernanda Trentini Ambiedo . – 2018.

103 f.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Antonio De Ruggiero.

1. Imigração Italiana. 2. Imigração Urbana. 3. Empreendedorismo Étnico. I. De Ruggiero, Antonio. II. Título.

À minha família.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente, ao professor Antonio de Ruggiero que acreditou na potencialidade da pesquisa, mesmo quando eu ainda estava dando os primeiros passos dentro da pesquisa histórica.

Agradeço às componentes da banca, Professora Claudia Musa Fay e Professora Máira Inês Vendrame, por aceitarem a participação da banca examinadora.

Aos colegas de graduação e pós-graduação na PUCRS que estiveram próximos nesses últimos dois anos, sendo para discutir textos, ou para ir em busca do equilíbrio.

Aos colegas Leonardo Conedera, sem a tua indicação da família Pappalardo esta dissertação não existiria, Egiselda Charão, sem o teu apoio nos momentos em que quis arrancar os cabelos, esta dissertação também não existiria.

Ao Maicon, amigo para todas as horas, que se fez um companheiro nas leituras e estudos, nos esperados quintos dias úteis para a chegada da bolsa, e para os 'memes' do sofrimento acadêmico.

Ao Diogo, que esteve comigo na alegria e na tristeza, e que espero que esteja comigo para todo o sempre.

Agradeço aos meus pais e irmão.

Agradeço à CAPES por ter disponibilizado a bolsa para esta pesquisa.

E principalmente à Dona Graça, filha de José Pappalardo, que disponibilizou o seu tempo para dar entrevistas, possibilitando o acesso às fontes necessárias para essa pesquisa.

(...) peguei uma folha de papel em branco de dentro da minha pasta de desenho e comecei a desenhar uma grande barbatana sem peixe, ou um grande nariz sem rosto, ou apenas uma linha num papel em branco que eu poderia não preencher com aquele peixe, ou aquele rosto. Ali no carpete eu adormeci e acordei há pouco. Dos almoços eu ainda escuto as vozes. Da casa da esquina eu ainda sinto o perfume das flores. (LEINDECKER, Duca. 2004, p. 128)

## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo compreender as relações do empreendedorismo familiar de imigrantes italianos, tendo em foco o pastifício da família Pappalardo que teve aproximadamente a duração de 34 anos durante os meados das décadas de 1930 e 1960 na cidade de Porto Alegre. Além disso, pretende-se contribuir para melhor compreensão à importância das formações empresariais familiares dos imigrantes italianos e suas relações com a cidade, buscando entender a constituição de uma empresa local sem investimentos externos, e com o intuito de ajudar a construir a história das influências culturais trazidas com os imigrantes e com a culinária deles. Visa-se contextualizar e compreender as transformações que foram feitas durante o período de funcionamento do pastifício, analisando também os métodos de divulgação e propaganda utilizadas durante o período, e o modo em que o consumidor era atraído, bem como as movimentações e rotações de funcionários dentro da empresa. Enfim, utilizará as definições do transnacionalismo em setores comerciais. As fontes estão disponibilizadas no acervo privado da família do fundador da empresa “Massas Pappalardo” e também presentes no arquivo da Junta Comercial de Porto Alegre.

Palavras-chaves: Imigração Italiana, Imigração Urbana, Empreendedorismo Étnico

## **ABSTRACT**

This paper's objective is to comprehend the connections of domestic entrepreneurship of Italian immigrants, focusing on the pasta factory of the family Pappalardo, which lasted for approximately 34 years between the 1930's and the 1960's in the city of Porto Alegre. Furthermore, it intends to contribute to a better comprehension of the importance of the family business formations of the Italian immigrants and their connections with their city, attempting to understand the formation of a local company without external investments, and with the goal of helping to build the history of the cultural influences brought with the immigrants and their culinary practices. It wants to contextualize and understand the transformations which were made during the operating period of the pasta factory, also analyzing the methods of advertisement used during that time, and the way with which they attracted the customers, as well as the rotation of employees inside the company. Finally, it is going to use the definitions of transnationalism in commercial sectors. The sources are available in the private family collection of the "Massas Pappalardo" company founder and also present in the archives of "Junta Comercial de Porto Alegre"

Key Words: Italian Immigration, Urban Immigration, Ethnic Entrepreneurship

## LISTA DE FIGURAS:

Figura 1: Imigração Italiana em Cidades de Fronteira no Rio Grande do Sul.	20
Figura 2: Publicidade da Casa Fracalanza.	29
Figura 3: Casa e Moinho de Vicente Monteggia em 1925.	30
Figura 4: Confeitaria Sul Americana.	31
Figura 5: Confeitaria Rocco em 1912.	31
Figura 6: Estabelecimento Grimaldi em Porto Alegre.	33
Figura 7: Rede.	36
Figura 8: Em destaque, José Pappalardo.	38
Figura 9: Junta Comercial.	49
Figura 10: Dados Banda Municipal.	50
Figura 11: Massas Alimentícias em Porto Alegre.	51
Figura 12: Planta da Casa Principal.	53
Figura 13: Máquina Braibanti – Cobra 2000.	54
Figura 14: Planta 2 – Galpões de secagem de massas.	55
Figura 15: Planta 3 – Galpões de Secagem de massas.	55
Figura 16: Publicidade Fábrica de Massas Alimentícias José Pappalardo.	62
Figura 17: Publicidade Fábrica de Massas Alimentícias José Pappalardo.	62
Figura 18: Reportagem sobre Massas Alimentícias.	63
Figura 19: Pesquisa de preferência popular.	64
Figura 20: Rancho Popular.	65
Figura 21: Aumento de salários.	66
Figura 22: Relação das máquinas e utensílios.	67
Figura 23: Bandeira da Sicília	76
Figura 24: Publicidade da Fábrica de Massas José Pappalardo	79
Figura 25: Propaganda Massas Pappalardo - Década de 1950	81
Figura 26: Concerto na Universidade Católica	88

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 DO PRATA AO GUAÍBA: OS PRIMEIROS PASSOS DE JOSÉ PAPPALARDO NO BRASIL.....	18
2.1 O RIO GRANDE DO SUL DOS ITALIANOS (1875 – 1925) .....	18
2.2 O CENÁRIO DA CAPITAL .....	24
2.3 RECURSOS ÉTNICOS E TRANSNACIONALISMO .....	35
2.3.1 A TRAJETÓRIA DE JOSÉ PAPPALARDO AO CHEGAR EM PORTO ALEGRE.....	35
2.3.2 A ALIMENTAÇÃO COMO RECURSO ÉTNICO .....	41
3 MASSAS ALIMENTÍCIAS PAPPALARDO .....	47
3.1 PRIMEIROS ANOS (1930 - 1937) .....	47
3.2 ROTINA DA FÁBRICA E FUNCIONÁRIOS (1939 - 1950) .....	56
3.3 ÚLTIMOS ANOS (1950 - 1968).....	61
4. ENTRE DOIS MUNDOS: IDENTIDADE E RECURSOS ÉTNICOS.....	71
4.1 A IDENTIDADE ITALIANA EM PORTO ALEGRE .....	71
3.2 AS PROPAGANDAS COMO AFIRMAÇÃO DE UMA ETNICIDADE.....	77
3.3 O TRANSNACIONALISMO COMO ALICERCE DE UMA IMIGRAÇÃO .....	83
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	92

## 1 INTRODUÇÃO

*Ele sabia que precisava trabalhar*, foi o que disse Maria Graça Pappalardo ao ser questionada sobre os motivos da vinda de seu pai para a América. E assim a trajetória de José Pappalardo se transformou em objeto desta pesquisa. Pappalardo veio para o Brasil, em 1925, mais especificamente na cidade de Porto Alegre em busca de melhores oportunidades de trabalho.

Como já possuía conhecimento no campo musical, ingressou na Banda Municipal de Porto Alegre onde permaneceu até meados da década de 1950, quando esta se tornou a Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (OSPA). Com o intuito de complementar a sua renda, em 1930 abriu a Fábrica de Massas Alimentícias José Pappalardo que permaneceu ativa por 30 anos, conhecendo os bons investimentos e inovações tecnológicas.

O interesse em analisar essa trajetória nasceu-se a partir da consideração primária que este personagem não era excepcional, mas sim, aparentemente comum. Era mais um imigrante italiano na cidade de Porto Alegre, que utilizou seus conhecimentos constituídos no seu país de origem para se inserir na nova realidade. Também entrou no grupo de artistas que procuravam outro meio de sustento. O historiador Alexandre Karsburg ressalta a incessante procura do historiador pela singularidade do indivíduo, colocando a pergunta: “Como chegar às singularidades de um indivíduo?”. A resposta do autor é:

Uma das saídas é confrontar sistematicamente nosso sujeito ao grupo que era semelhante a ele. Para isso, a análise detalhada das fontes é imprescindível, fontes que prezam pela qualidade, e não tanto pela quantidade. A leitura atenta, lenta, por vezes nas ‘margens’ do documento, pode revelar pormenores negligenciados pela historiografia, levando-nos a novas pistas e constatações. Com isso, mais próximo chegaremos das particularidades que diferenciavam o sujeito do grupo a que pertencia ou se assemelhava. (KARSBURG, p. 48, 2015)

Foi tentando desvendar a singularidade do sujeito que nos debruçamos sobre o tema. O interesse por José Pappalardo surge em decorrências da familiaridade com pessoas que já pesquisam a imigração e com as quais possuo relações acadêmicas de longa data. Nesse sentido destaco Leonardo Conedera que desenvolveu trabalhos pesquisando a comunidade Siciliana de Porto Alegre.

Leonardo sabendo do meu interesse por empresas sugeriu que eu efetuasse minha pesquisa analisando o pastificio Pappalardo. Indicando como primeiro passo a Sra. Maria Graça, filha de José Pappalardo, visto já ter desenvolvido uma relação de confiança, em função de sua pesquisa sobre os músicos italianos na banda municipal da capital gaúcha.

Maria marcou uma entrevista comigo para outubro de 2015 e na data marcada compareci à sua residência para a coleta do depoimento. Feito isso retornamos dias depois com a entrevista transcrita para que a depoente fizesse a conferência final e autorizasse o uso da mesma. Nessa ocasião a depoente me forneceu um vasto material documentário relativo à empresa do pai, que foi fotografado e utilizado neste trabalho.

Chamo a atenção para o fato importante que quando trabalhamos com um arquivo privado nos deparamos com diversas dificuldades. Neste caso, sucedeu a problemática de que muitos documentos haviam sido ou perdidos ou queimados, logo houve a necessidade da utilização de outras fontes complementares como jornais, relatórios, almanaques, que busquei em arquivos públicos e privados.

A fábrica de massas era uma das tantas no panorama da capital gaúcha. Haviam outros pastifícios em Porto Alegre, entre eles destaque o de Natale Grimaldi de grande monta e outros menores. Em sua maioria, pertenciam a famílias italianas que utilizaram o mesmo artifício do conhecimento da técnica de produção para a inserção na cidade.

Foi pensando nessa habilidade de José Pappalardo que tomamos, para a construção desta trajetória, como ponto de partida, o depoimento de sua filha Maria Graça. Na sequência nos apoiamos nos documentos disponibilizados a partir do acervo privado da “Fábrica de Massas Alimentícias José Pappalardo”. O *corpus* documentário é composto por livros de funcionários, levantamentos de máquinas, alvarás de funcionamentos, registros da transferência da gerência da fábrica de pai para filha, propagandas da fábrica.

Depois de ter coletado o depoimento e efetuado cópia das fontes do acervo particular da família, defini os objetivos da pesquisa. O objetivo geral escolhido

foi investigar como ocorreu a inserção da fábrica em Porto Alegre (1930-1964) a partir da trajetória do imigrante italiano José.

Tendo em vista o objetivo juntei aos documentos primeiros outras fontes que foram utilizadas: Na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, encontramos jornais como “Diário de Notícias”, “Almanak Laemmert”, “A Federação”, que auxiliaram na construção desta pesquisa. Também arquivos como o da Junta Comercial do Estado do Rio Grande do Sul, Museu da Comunicação Hipólito José da Costa e o Arquivo Municipal Moysés Vellinho, disponibilizaram os seus acervos para a trabalho.

O depoimento e os acervos ajudaram a responder à pergunta principal que orientou esta pesquisa: Quais as dinâmicas socioeconômicas que permitiram a inserção profissional de um imigrante empreendedor na cidade de Porto Alegre?

Entretanto, tendo em vista a pergunta, tornou-se necessário entender a dinâmica migratória e a contextualização da cidade no período analisado. Outro ponto importante foi examinar as relações do empreendedorismo familiar de imigrantes italianos. Também foi necessário identificar as transformações e as inovações que foram feitas durante o período de funcionamento do pastificio;

analisar os métodos de divulgação e propaganda utilizadas durante o período; por fim identificar as estratégias utilizadas pelos imigrantes para facilitar suas relações sociais na capital gaúcha; considerar as relações entre o empreendedorismo imigrante e a sociedade porto-alegrense da época e a aceitabilidade dos novos produtos, assim como os meios de propaganda utilizados através da imprensa local.

O trabalho quer contribuir, também, para um entendimento melhor sobre a manutenção de costumes e tradições identitárias que se perpetuam, e às vezes se reinventam no país de acolhimento.

A relevância do trabalho está centrada na escassez de pesquisas sobre o tema considerando que a historiografia sobre imigração privilegiou outras abordagens e recortes temporais. Esta investigação tem um cunho social que vem contribuir para a ampliação de conceito de fontes e a sua aplicação, multiplicação dos objetos de pesquisa para abordar as práticas dos grupos considerados minoritários no contexto da história oficial (CHARPE, 1992, p.42).

Esta investigação sustenta-se em textos clássicos para a historiografia brasileira sobre imigração italiana, como os de Núncia Santoro de Constantino, Stella Borges, Rosemary Brum e Angelo Trento. Mas também se beneficiou das mais recentes leituras de historiadores como Antonio de Ruggiero, Leonardo Conedera, Maíra Vendrame, entre outros.

Saliento a utilização da pesquisa de Leonardo Conedera, que tanto em sua dissertação como em sua tese, destacou o ambiente onde o José Pappalardo marcou presença. Tanto na investigação que tratou sobre a presença de sicilianos em Porto Alegre, como também quando pesquisou a Banda Municipal da cidade (CONEDERA, 2013; 2017). Muita gratidão devo aos estudos clássicos de Núncia S. de Constantino, que analisando em particular a presença dos calabreses de Morano em Porto Alegre, nos deixou um corpus de pesquisas e trabalhos excepcionais em relação as dinâmicas imigratórias nos contextos urbanos e às capacidades dos italianos de criar na pátria de acolhimento redes e canais étnicos, úteis a uma melhor ascensão social.

Bem como utilizei textos de disciplinas auxiliares a história como sociologia e antropologia, que me auxiliaram refletir outras possibilidades de análise da imigração e da construção identitária de um grupo, entre eles saliento as características do *transnacionalismo* onde temos sociólogos como Laura Zanfrin. Em que propôs uma definição que apresenta este movimento como uma espécie de interpretação de instituições e processos sociais, as quais definem uma forma alternativa de adaptação da sociedade de acolhimento, mas sem desmanchar o contexto original, ou seja, mantendo laços constantes tanto com o país de origem como o de chegada (ZANFRINI, 2007).

Tais características podem ser aplicáveis a questão do ofício aprendido pelo patriarca da família Pappalardo, uma vez na Itália e reproduzido, contudo, sem perder nenhum laço no Brasil. Também o sociólogo Maurizio Ambrosini (2009) que contextualiza o fenômeno do transnacionalismo econômico que influenciou as migrações ocorridas desde o século XIX na Itália (AMBROSINI, 2009).

Por fim temos a obra em conjunto organizada por Gabriele Pollini e Giuseppe Scidà (2002) que busca trabalhar os aspectos das migrações em

grandes centros urbanos analisando do ponto de vista sociológico das sociedades caracterizadas por uma multietnicidade (POLLINI; SCIDÀ; 2002).

O sociólogo Simmel (1986) define que o indivíduo que decide migrar é aquele que quebra com as tradições e se torna um dos principais símbolos e artífices da modernidade, ou seja, ele transferido em uma nova realidade acaba quebrando os costumes mentais tradicionais e conservadores tanto do país de origem como o de chegada (SIMMEL, 1986).

Em referência ao estudo de trajetórias saliento a importância de não existir uma obrigatoriedade em abordar toda a vida do personagem pesquisado, mas sim uma análise de um intervalo de tempo, o que diferencia do estudo de biografias que costuma seguir toda a vida do sujeito (KARSBURG, 2016, p. 33 e 34).

Observo que foi estudado apenas o caminho relacionado à atividade da fábrica de massas, porém sem ignorar os aspectos complementares. A sociedade, os grupos étnicos, os governos, e assim as estruturas que acompanham esta trajetória serão analisadas tendo em vista a importância de *construir o espaço* que o sujeito analisado percorreu:

O que equivale a dizer que não podemos compreender uma trajetória (...) sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou e, logo, o conjunto das relações objetivas que uniram o agente considerado - pelo menos em certo número de estados pertinentes - ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço dos possíveis. (BOURDIEU, 2006, p. 190)

Reitero que utilizei como fontes de partida o depoimento de Maria Graça Pappalardo e seu acervo particular, entretanto saliento que foi necessário buscar em outros meios de pesquisa fontes que preencham lacunas evidenciadas no corpus documental inicial. Desse modo utilizei recortes de jornais e elementos bibliográficos referentes a contexto histórico tanto do Brasil, Itália e Rio Grande do Sul. Refletindo sobre esse processo Alessandro Portelli (2011, p.15) observa que “o historiador procura informações, e não havendo, não as obtendo através de outras fontes, faz entrevistas. E isso vai muito bem, é um uso, usa as fontes orais como fonte de informação como as outras, com as outras”.

Vale ressaltar que estamos trabalhando, com o que Michael Pollak (1992 p. 201), chamou de “memória quase herdada”. Ele define que existem elementos que constituem a memória, seja individual ou coletiva, e neste grupo existem os, que ele nomeia, como eventos “vividos por tabela”, acontecimentos que aconteceram com a coletividade que a pessoa participa, mas não necessariamente com ela. Esta ligação é muito estreita entre memória e o sentimento de identidade, que ganha um sentido mais simples nesse caso, como uma imagem de si para si. Este é o caso de Maria Graça, que conta com tanta afeição a vida de seu pai e os acontecimentos que permearam a sua chegada no Brasil, mesmo que ela não o tenha vivido, mas que acolhe uma identificação tão forte que se torna sua a memória. As memórias de Maria Graça ganham significado quando analisamos o grupo ao qual ela e sua família pertenceram dentro da capital gaúcha, o que lhe deu legitimidade e significação para as memórias individuais (ZANINI, 2007, p. 522). Por essa razão optou-se por utilizar fontes que pudessem complementar essas memórias, afinal, memórias podem representar fatos reais ou projeções, levando a possibilidade de existir imprecisões à datas, fatos e acontecimentos (POLLAK, 1992, p. 201).

Esta dissertação se divide em três capítulos. No primeiro capítulo encontraremos a contextualização do momento da chegada de nosso personagem, as mudanças estruturais da cidade de Porto Alegre, os antecedentes migratórios no Rio Grande do Sul, usando como base o almanaque do *Cinquantenario della Colonizzazione Italiana nel Rio Grande del Sud*, livro que foi publicado em 1925 e que reúne uma rica série de informações referente a imigração no estado gaúcho. Dividido em dois volumes. Esta obra se torna uma fonte fundamental para a construção do período proposto. Será narrado também os motivos da vinda de José para a América, primeiramente a Buenos Aires e após para Porto Alegre, o seu ingresso na Banda Municipal de Porto Alegre e a decisão de complementar sua renda a partir do empreendimento familiar de um pastifício.

Já no segundo capítulo, entramos na trajetória da fábrica de Massas Alimentícias José Pappalardo, desde a sua fundação junto aos irmãos, até a sua falência pelo fato que foi engolida em função de uma forte industrialização no país. Se fez uso de fontes do acervo privado da família Pappalardo juntamente

com periódicos da época que ajudam a reconstruir parte desta trajetória. Veremos os processos de fabricação da massa alimentícia, as relações entre empregados e funções que estes exerciam, além de complementar os fatos narrados por Maria Graça Pappalardo com reportagens jornalísticas buscadas na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

No terceiro capítulo proponho uma análise dos fatores culturais que fundamentam a “italianidade” de um grupo e assim os aspectos dentro da fábrica pesquisada que apontam para a direção da construção de uma identidade ligada a defesa étnica na capital gaúcha, tendo em vista as problemáticas, principalmente durante o período Estadonovista, com as novas leis e controles impostos aos imigrantes de origem alemã e italiana. Logo me proponho aqui analisar esta trajetória juntando três formas de fontes: a fonte oral, documentos do arquivo particular de José Pappalardo e fontes jornalísticas que ajudarão a complementar os vazios e a confirmar as informações fornecidas por Maria Graça.

## **2 DO PRATA AO GUAÍBA: OS PRIMEIROS PASSOS DE JOSÉ PAPPALARDO NO BRASIL**

### **2.1 O RIO GRANDE DO SUL DOS ITALIANOS (1875 – 1925)**

Quando o italiano Giuseppe Pappalardo chegou em Porto Alegre, em 1925, encontrou uma cidade que já havia uma coletividade de seus compatriotas radicados. Como outros conterrâneos, ele veio em busca de oportunidades após ter permanecido alguns meses em Buenos Aires, onde tinha conseguido um emprego junto aos seus irmãos em uma fábrica de massas alimentícias. Natural de Adrano, província de Catania, na Sicília, desde muito jovem desenvolveu capacidades no campo musical, participando da banda paroquial da sua localidade de origem.

Conforme as informações relatadas pela sua filha, Maria Graça, Giuseppe trabalhou por um tempo na pequena fábrica artesanal de massa de propriedade familiar, com seus dois irmãos, Nicola e Salvatore. Os negócios na Sicília não foram bem-sucedidos, por isto os dois irmãos mais velhos, no começo do século XX, resolveram emigrar para Argentina. Na capital portenha se empregaram na mesma profissão praticada na pátria.

Em pouco tempo alcançaram uma certa estabilidade econômica, que lhes permitiu a chamada do irmão menor, Giuseppe, que com apenas 16 anos veio à América à procura de trabalho. Após três meses em Buenos Aires, trabalhando na mesma fábrica dos irmãos, não pôde resistir à nova possibilidade profissional que lhe fora oferecida por dois compatriotas músicos e maestros, que residentes na capital gaúcha, estavam organizando a composição da nova Banda Municipal de Porto Alegre (PAPPALARDO, 2015, p. 1). Seus nomes eram Giuseppe Corsi e Giuseppe Leonardi, este último também siciliano da província de Catania, e que tinha vivido também por um tempo em Buenos Aires.

Os dois músicos ítalo-gaúchos estavam viajando entre Uruguai e Argentina para recrutar possíveis integrantes peninsulares para a banda, que se tornou o principal conjunto musical rio-grandense. Giuseppe e Nicola Pappalardo, especializados em tocar clarinete e oboé, se deixaram seduzir por esta oportunidade e se transferiram para Porto Alegre. Poucos meses depois, o

terceiro irmão, Salvatore, chegou também na capital gaúcha (PAPPALARDO, 2015, p. 1). Aqui, em 1930, os três Pappalardo abriram uma fábrica de massas alimentícias e estabeleceram definitivamente residência, abasileirando também os seus próprios nomes.

Vale lembrar que o Brasil, entre os anos de 1875 e 1914, período conhecido como “Grande Imigração”, recebeu milhares de imigrantes provenientes da península. O fenômeno migratório começou no final dos anos de 1870, tornando-se uma dinâmica de massa nos últimos anos do século XIX (TRENTO, 1989).

Entretanto, já em meados dos oitocentos, no Rio Grande do Sul, registrava-se a presença de italianos. A Revolução Farroupilha, entre 1835 e 1845, foi um dos primeiros catalisadores, que chamou no estado, junto com os mais conhecidos Giuseppe Garibaldi e Luigi Rossetti, vários outros legionários seguidores de Garibaldi (CONSTANTINO, 1991, p. 20). A partir desses primeiros grupos, nos anos de 1840, consolidaram-se vários estabelecimentos comerciais italianos que difundiam a sua propaganda nos principais jornais da capital. Outros estudos sobre os registros paroquiais permitiram demonstrar a existência de uma comunidade permanente que, em 1850, chegava aproximadamente a 41 famílias italianas só em Porto Alegre (DE RUGGIERO, 2015, p. 391).

Após o término da Guerra do Paraguai (1870), muitos outros se empregaram em novas ocupações (artesanais, artísticas etc.) e em vários tipos de comércio nos demais centros urbanos do Rio Grande do Sul. Salienta-se que no momento anterior ao processo da colonização italiana (1875) já havia no estado associações italianas fundadas por imigrantes, sendo a primeira em Bagé, a *Società italiana di Mutuo Soccorso Beneficienza* (1870); posteriormente, em Pelotas, a *Unione e Filantropia* (1873) e, em Sant’Ana do Livramento, a *Società italiana di Mutuo Soccorso Giuseppe Garibaldi* (1873) (DE RUGGIERO, 2015, p. 397). Isto significa também que existia uma mobilidade circular dentro dos países adjacentes que favorecia ingressos de novos imigrantes por caminhos atípicos, como pelas suas fronteiras.

Estudos recentes demonstraram que, no final do século XIX, muitos italianos entraram no estado rio-grandense sem passar pelo registro clássico que, em geral, acontecia nos portos de desembarque. Tratavam-se de italianos que “falavam espanhol”, pois após uma primeira permanência em países como

Uruguai e Argentina, optavam em estabelecer-se nos centros gaúchos, principalmente os da fronteira.

Em virtude da nova política desenvolvida pelo Estado, que visava resolver os problemas da baixa densidade na região Sul brasileira, procurou-se atrair imigrantes, principalmente italianos e alemães, para as terras brasileiras. Com isso, em 1875, o contingente italiano aumentou relativamente comparado com os períodos anteriores (BORGES, 1993, p. 12). Foi, porém, nos anos sucessivos que se atingiu uma quantidade significativa com o ingresso de imigrantes empregados nas fazendas das regiões cafeeiras, em particular no estado de São Paulo. Conforme o IBGE, cerca de 1.243.633 imigrantes vindos da Itália entre os anos de 1876-1920 ingressaram nos portos brasileiros, sendo destes 365.710 vindos do Vêneto, 113.155 Calabreses e 44.380 Sicilianos<sup>1</sup>.

A emigração italiana na primeira fase da Grande Imigração explica-se por uma série de fatores de expulsão (do contexto italiano) e atração (dos países receptores, especialmente os do “novo mundo”). A saber, como destacou Núncia Santoro de Constantino, não eram os italianos mais pobres que emigraram, mas aqueles que possuíam alguns recursos, sobretudo, para os contextos urbanos. Entre as cidades que mais receberam italianos se destacam Porto Alegre e São Paulo.

Entre 1887 e 1920, mais de um milhão de italianos se estabeleceram no estado de São Paulo, na sua maioria destinados para o trabalho em fazendas, em substituição à mão de obra escrava. Estes imigrantes tinham uma série de obrigações assinaladas pelo contrato “colônico”, das quais as principais seriam encarregar-se das colheitas, prestar serviços gratuitos, como construir estradas e cuidar do pasto, em que estes vinham exclusivamente para trabalharem na produção do café, açúcar e algodão (ALVIM, 1986, p. 81).

O contingente imigratório vindo para o Sul do Brasil a partir da década anterior, pelo contrário, respondia à iniciativa planejada pela ocupação de regiões devolutas no interior do estado, quase sempre próximas aos rios, como dos Sinos, o Jacuí e o Taquari (SCHMIDT, 2015, p. 75). No Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, o imigrante italiano não se tornaria, no geral, o empregado, mas sim o proprietário da terra. Todavia, houve um número

---

<sup>1</sup> Dados do site: <<http://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/italianos/regioes-de-origem.html>>. Acesso em: 4 dez. 2016.

relevante de imigrantes que optou em permanecer nos espaços urbanos, tanto de São Paulo ou Rio de Janeiro, como de Porto Alegre.

A importância do italiano na urbanização e industrialização nas grandes cidades está presente principalmente em São Paulo e Porto Alegre, onde o imigrante se tornou um agente importante de transformação na paisagem e na construção industrial e urbana. Em São Paulo, não se pode desconsiderar a importância que os peninsulares tiveram na industrialização e formação da cidade, desde suas passagens pelas fábricas até pela resistência operária do início do século passado (ALVIM, 1986, p. 139). Por exemplo, Francesco Matarazzo iniciou sua empresa no Brasil, tendo um moinho para produzir farinha e depois ampliando para outras áreas como tecelagem, indústria mecânica, tornando-se um dos empresários mais ricos do país na década de 1930<sup>2</sup>. No entanto, não foram todos os imigrantes que alcançaram destaque, mas foram agentes significativos na mão de obra e nos ambientes dos bairros paulistas.

Diferentemente de São Paulo, a imigração urbana para o Rio Grande do Sul tem como empresários estrangeiros de notoriedade aqueles advindos da Alemanha, como as famílias Ritter, Neugebauer, Oderich, Mentz, Trein e Renner (CONSTANTINO, 1991, p. 45), enquanto os italianos se concentraram principalmente em médios e pequenos comércios, como açougues, confeitarias e sorveterias (Ibid., 1991, p. 3). Ou ainda como artesãos: alfaiates, sapateiros, marmoristas, joalheiros, entre outros.

Ainda assim, a presença de imigrantes italianos no fim do século XIX nas cidades gaúchas é notada, na maioria das vezes, fazendo parte de um fluxo imigratório diferente daquele “comum”. Observa-se que as cidades fronteiriças gaúchas receberam um grande fluxo de imigrantes ocasionado, principalmente, pela localização destas próximas a capitais como Buenos Aires e Montevideú, e uma ampla rede de oportunidades de trabalho.

Os principais centros urbanos do Rio Grande do Sul eram Porto Alegre, Pelotas e Rio Grande, cidades essas que concentravam o maior número de fábricas e empresas (BORGES, 1993, p. 17). A presença marcante de italianos nestas cidades é confirmada ao analisar o relatório do cônsul Pasquale Corte,

---

<sup>2</sup> Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/biografias/francisco-matarazzo.htm>>. Acesso em: 3 ago. 2017.

que ressalta a participação destes peninsulares em diversas atividades urbanas, tanto comerciais como artísticas (CONSTANTINO, 1991, p. 192).

No caso das cidades fronteiriças ocorreu uma imigração espontânea, que devido às suas localizações próximas a grandes centros urbanos da região do Prata, atraíram imigrantes italianos para cidades como Rio Grande, Pelotas, São Borja, Uruguaiana, Bagé e Sant'Ana do Livramento<sup>3</sup>.

**Figura 1: Imigração Italiana em Cidades de Fronteira no Rio Grande do Sul.**



Fonte: de Ruggiero, 2015, p. 171.

Em 1892, o cônsul italiano Pasquale Corte ressaltava uma grande movimentação dos patricios, que caracterizava uma imigração interna ao Conesul Americano. Aproximadamente 2/3 dos imigrantes que foram para a Argentina optaram mais tarde pelo retorno para sua terra natal ou pela reemigração para estados limítrofes.

Os mecanismos de imigração se caracterizam muitas vezes pelas relações familiares e de amizade, logo, a reemigração se torna uma opção frequente quando há uma rede já formada entre conterrâneos residentes em cidades de estados vizinhos (BERNASCONI, 1999, p. 81). Muitos casos de italianos residentes em Porto Alegre e, em geral, no Rio Grande do Sul, confirmam esta tendência de mobilidade.

<sup>3</sup> CINQUANTENARIO Della Colonizzazione Italiana nel Rio Grande del Sud. 2000.

A imigração urbana se fortaleceu quando aumentou a demanda de operários no período da industrialização, atraindo muitos indivíduos também das localidades limítrofes. Mas já nos anos anteriores existiam redes de comércio importantes que estimularam, junto às possibilidades no setor dos serviços, uma tipologia de imigração diferente daquela “colonial”.

Conforme Marcos Hallal dos Anjos (1999, p. 61), na cidade de Pelotas verificou-se a participação dos estrangeiros para a construção da cidade. Segundo o autor:

Variada e intensa foi a participação de estrangeiros no ambiente urbano de Pelotas na segunda metade do século passado. Mesmo sem radicar-se na cidade o estrangeiro participou do processo de modernização desta através da atuação de técnicos europeus, em especial arquitetos e engenheiros, responsáveis por obras de saneamento, transporte e embelezamento.

A partir dos periódicos que circulavam na cidade de Pelotas, foi percebida a forte presença de italianos no ramo hoteleiro, já em meados de oitocentos. Os hotéis “Garibaldi”, “Brazil”, “Piemonte”, “Itália” e “Hotel Aliança” eram pertencentes a empreendedores italianos (ANJOS, 1996, p. 85). Vale lembrar a presença de profissionais técnicos na cidade, como funileiros, carpinteiros, alfaiates, ferreiros, sapateiros, barbeiros, tintureiros, entre outros. Além disso, há evidência de arquitetos italianos, como José Izella Merote e Guilherme Marcucci (CONEDERA, 2017, p. 76).

Além de Pelotas, verificou-se ao longo do final do século XIX e início do século XX a presença de peninsulares em outras cidades no interior do Rio Grande do Sul. Por exemplo, Rio Grande, que acolheu um número expressivo de imigrantes oriundos da península. Destes, desde o final do século XIX, a sua maioria encontrava-se inserida no setor industrial e comercial, mas contando também com artesãos. Da coletividade italiana de Rio Grande, como em outras cidades, erigiu a *Società di M.S. e Cooperazione*, que contava com 3.500 imigrantes radicados na década de 1920 (CUSANO, 1920, p. 77).

Ainda na região Sul do estado, a cidade de Bagé também se destacou com uma coletividade de peninsulares interessante que, como já foi referido, fundou a primeira sociedade de italianos no Rio Grande do Sul. Naquele contexto, pode-se salientar como expoentes os irmãos Nocchi, toscanos de Pisa, que possuíam uma casa de importação e exportação que se destinava ao

comércio de produtos típicos da Itália para o Brasil (CINQUANTENARIO, 1925, v. II, p. 282).

Nas cidades de fronteira, vislumbrou-se núcleos italianos em diversos municípios no Rio Grande do Sul, como em: Sant'Ana do Livramento, São Borja, Uruguaiana, Santa Vitória do Palmar, Alegrete. O caso de Sant'Ana do Livramento se notabiliza por contar com um grupo de peninsulares que se caracterizou pela atividade comercial; sabe-se que a coletividade era composta por imigrantes advindos de diferentes partes da península, como: sujeitos oriundos da Ligúria e da Campania (CAGGIANI, 1991).

Outro caso interessante é o de Santa Vitória do Palmar, localizada próximo ao Chuí, município que faz fronteira com o Uruguai, que já nos últimos decênios do século XIX apresentava uma coletividade de italianos, em grande parte, procedentes do Sul da Itália. A exemplo do comerciante Antonio Rotta, que se radicou nesse município em 1869 e que favoreceu uma grande mobilidade de indivíduos oriundos de seu *paese* de origem, Pedace (DE RUGGIERO, 2015, p. 175).

Portanto, procurou-se evidenciar que os imigrantes italianos estavam presentes em inúmeros centros urbanos do Rio Grande do Sul, anteriormente ao período da “Grande Imigração”. Entretanto, sabe-se também que com o processo de colonização, empreendido a partir de 1875, houve um aumento substancial de elementos italianos nas cidades gaúchas.

## 2.2 O CENÁRIO DA CAPITAL

Porto Alegre era o centro dos negócios no Sul do Brasil e, em meados de 1820, atraiu a atenção de negociantes de Santo Amaro, Triunfo, Rio Pardo, Taquari e Santo Antônio da Patrulha. O palco de ações entre eles era a Rua da Praia, onde a troca das novidades era o mote entre os numerosos comerciantes. O centro da cidade era fundamentalmente composto pelas ruas da Ponte, da Igreja e a da Praia, respectivamente Riachuelo, Duque de Caxias e Rua dos Andradas (FRANCO, 1983, p. 20). Esses lugares posteriormente iriam se tornar o centro comercial ocupado por imigrantes, em larga escala, a partir da segunda metade do século XIX (CONSTANTINO, 1991, p. 81).

Após o final da Grande Guerra (1914-1918) registrou-se uma diminuição da imigração italiana. É possível observar também uma diversificação, tanto relativa à proveniência geográfica quanto à capacitação profissional. Na cidade de Porto Alegre, além dos imigrantes camponeses provenientes do Vêneto, Friuli e da Lombardia, que se beneficiaram do projeto de colonização agrária e depois reemigraram para a cidade, continuou a se verificar uma mobilidade de italianos das regiões meridionais da península, como aqueles oriundos da Sicília, Campania e Calábria, sendo essa última região a que mais contribuiu numericamente na capital (TRENTO, 1989, p. 59).

Conforme Núncia Constantino (1991) elucida em sua tese de doutorado, a maior presença dos calabreses constituiu uma identidade étnica no município de Porto Alegre. Em particular, pode se referir ao grupo majoritário proveniente do *paese* de Morano Calabro, localizado próximo da cidade de Cosenza.

A autora comenta que:

Considerando a efetiva presença de moraneses em Porto Alegre e considerando as ocupações ou condições declaradas para imigrantes no Brasil em geral, pode-se concluir que, ao lado de uma maioria de agricultores, Porto Alegre recebeu imigrantes capacitados de Morano Calabro para exercerem profissões como alfaiates, pedreiros e sapateiros. (CONSTANTINO, 1991, p. 187)

A partir da década de 1920, há uma mudança significativa no perfil de emigrantes que vem da península. Não apenas camponeses emigram, mas também membros de uma sociedade fraturada politicamente e economicamente no pós-primeira guerra. Chegaram no Brasil imigrantes qualificados, que optaram por permanecer no contexto urbano por este apresentar oportunidades de trabalho em indústrias e pequeno comércio (BRUM, 2003, p. 179).

Vale lembrar que, na mesma década, o Rio Grande do Sul acabava por passar por uma crise da agricultura e pecuária, enquanto outros setores da economia gaúcha prosseguiram crescendo, tal como a indústria, que era superada apenas por aquelas de São Paulo e do Rio de Janeiro (MONTEIRO, 1993, p. 85).

Durante as primeiras décadas do século XX vemos mudanças, primeiramente instauradas pelo governo de José Montaury, intendente durante 27 anos da capital gaúcha. O período se destacou por melhorias estruturais,

como a implementação da primeira rede de esgotos; a prestação de serviços como primeiros socorros, além do impulso à iluminação e aos transportes.

No decorrer das eleições de 1920 apresentou-se um novo cenário na capital. Montaury concorreu novamente a intendente municipal, mas neste contexto ocorreu uma maior diversificação administrativa, com novos profissionais a compor o recém-eleito Conselho Municipal, além dos tradicionais advogados e médicos. Foram eleitos, por exemplo, três industriários, um comerciante, um “capitalista”, um proprietário e um operário (PACHECO, 2005, p. 105). Esta eleição demonstra uma mudança geral em Porto Alegre, cidade que recebia então uma nova composição social, com indústrias e comércios que moldavam a representatividade (PACHECO, 2005, p. 206).

Após oito reeleições, Montaury se retira da intendência de Porto Alegre e é substituído por Otávio Rocha<sup>4</sup>. Em 1924 inicia esta gestão, assumindo uma postura que rompe com a tradicional estagnação urbanística (SANTOS, 2012, p. 43). Entre os seus diversos decretos, pode-se destacar a instituição do Regulamento Geral de Construções para a inspeção prévia de obras, tal como a substituição de paredes de madeira para alvenaria, para evitar a proliferação de doenças (SANTOS, 2012, p. 45). Porém, do ponto de vista cultural, uma de suas principais realizações foi a criação da Banda Municipal de Porto Alegre, que se consagrou em apresentações públicas, principalmente em sua “casa”, no auditório Araújo Vianna (SANTOS, 2012, p. 46). A formação da banda era coerente com o seu discurso de posse, em que ressaltou a importância de realizar obras de saneamento e urbanização na cidade de Porto Alegre, mas também valorizar os aspectos artístico-culturais (BAKOS, 2013, p. 140).

É importante destacar que o crescimento populacional é acompanhado da sempre maior presença de italianos em Porto Alegre como pode-se verificar na tabela abaixo:

**Tabela 1:** Número de habitantes em Porto Alegre (1850 – 1920).

---

<sup>4</sup> Otávio Francisco da Rocha (1877-1928) nasceu em Pelotas, onde realizou seus estudos. Com 14 anos, alistou-se no exército, rumando para a engenharia militar (diplomou-se, em 1901, em Engenharia Militar na Escola Militar da Praia Vermelha, no Rio de Janeiro). Em 1909, ingressou na carreira política, sendo eleito deputado à Assembleia dos Representantes pelo Partido Republicano Rio-Grandense. Em 1924, assumiu o cargo de intendente de Porto Alegre. Otávio Rocha faleceu, repentinamente, em virtude de úlcera gástrica, em fevereiro 1928, antes de terminar o seu mandato. FRANCO, Sergio da Costa. **Porto Alegre:** Guia Histórico. Porto Alegre: Editora UFRGS, 1988, p. 350.

Ano	Habitantes em Porto Alegre	Italianos
1850	16.000 habitantes	41 famílias
1893	53.000 habitantes	6.000
1911	130.000 habitantes	17.000 (nascidos e descendentes)
1920	200.000 habitantes	30.000 (nascidos e descendentes)

Fonte: A. de Ruggiero (2016).

Devido ao aumento populacional, o espaço público de Porto Alegre vivenciou uma reestruturação, por meio de uma série de reformas gerais, que propiciou também o surgimento de novas avenidas para uma maior mobilidade populacional. Os imigrantes frequentavam clubes sociais e desportivos, como clubes de remos e o hipódromo. Outros espaços de sociabilidade principais tornaram-se os cafés, confeitarias, restaurantes, entre outros. Estes ambientes, por exemplo, foram locais onde ocorreu uma grande interação entre os imigrantes e os nacionais (BRUM, 2003, p. 205).

Vale lembrar que os cafés possuíam pequenas bandas que se apresentavam para os clientes. Os músicos destes corpos musicais eram, em grande parte, constituídos de estrangeiros. Em Porto Alegre, os imigrantes se dedicavam a diferentes segmentos, mas principalmente no setor terciário, como comerciantes, trabalhadores autônomos, e profissionais liberais (BORGES, 1993, p. 31).

Desde 1885 encontram-se anúncios de profissionais italianos em que se destacam o número de professores, músicos, médicos, sapateiros e operários à procura de trabalho em Porto Alegre. Os italianos estavam presentes, principalmente, em atividades de prestação de serviços e comércio (CONSTANTINO, 1991, p. 31).

Os peninsulares se infiltraram em diversos nichos comerciais. Além disso, estavam concentrados em vários bairros, mas especialmente na Cidade Baixa, o “bairro italiano”. A maioria dos peninsulares era composta de microempresários, donos de médias e pequenas empresas, situadas na região central da cidade, principalmente na Rua dos Andradas, Mercado Público, General Vitorino e Voluntários da Pátria.

Sabe-se que tanto o imigrante italiano como o alemão repetiram o modelo econômico do seu país de origem, ao estarem formando uma pequena

burguesia independente, que produzia os bens de consumo, ou artesã/agrícola, e que prestavam serviços (BRUM, 2003, p. 178). Em 1920, o jornalista Alfredo Cusano registra a presença de aproximadamente trinta mil italianos em Porto Alegre, dos quais um bom número concentrava-se como pequenos comerciantes e industriais (DE RUGGIERO, 2015, p. 167). O grupo italiano de Porto Alegre dedicou-se ao pequeno comércio, e manteve-se em um nível intermediário dentro da sociedade porto-alegrense (TRENTO, 1989, p. 98).

Quando chegaram os irmãos Pappalardo, a cidade de Porto Alegre encontrava-se em meio aos festejos de comemoração do cinquentenário da colonização italiana no Rio Grande do Sul. Em virtude deste festejo, foram publicados dois volumes de um almanaque sobre os cinquenta anos da colonização italiana no estado, que continha, brevemente, a história e geografia dos principais municípios que receberam um contingente de imigrantes italianos entre 1875 e 1925, que referia sobre personalidades influentes da sociedade, como empreendedores italianos que alcançaram visibilidade nos espaços onde se inseriram. O almanaque foi originalmente publicado no ano de 1925, pela editora da Livraria do Globo, que era propriedade Barcellos Bertaso.

Só neste almanaque, que provavelmente não é totalmente exaustivo, existem quarenta e uma propagandas<sup>5</sup> de atividades comerciais que italianos exerciam em Porto Alegre; estes retratam o ambiente que José Pappalardo e seus irmãos encontraram ao chegarem a Porto Alegre. Os principais ramos são aqueles ligados à alimentação, importação e exportação de produtos, além de fábricas de tecidos, metalúrgicos e mobiliários, setores de bens de subsistência primários e institutos educacionais.

Paul Singer, quando analisou a Porto Alegre de 1927, enfatizou que a cidade passou por uma evolução dos meios de produção, sendo em um primeiro momento focada na produção de produtos de subsistência que, posteriormente, atingiu uma estabilidade de autossuficiência, sendo bem diversificada, mas sempre levando em consideração as necessidades de consumo da população (1968, p. 174).

---

<sup>5</sup> Como eram propagandas pagas, não podemos definir conclusivamente que havia somente estes comércios e fábricas, pois cremos que muitas optaram por não participar deste livro comemorativo.

Em meados da década de 1920, Singer elencou um total de 621 estabelecimentos; dentre eles, 144 dedicados à elaboração de produtos alimentícios, 164 de vestuários e o restante dividido entre diversas categorias, como: cerâmica, produtos químicos, metalúrgicos e materiais de transporte (1968, p. 174). Confrontando-se os dados do almanaque do *Cinquentenario*, percebe-se que os italianos estavam inseridos nos principais setores comerciais e industriais da cidade.

No comércio vinculado à distribuição e fabricação de produtos para a alimentação, os italianos estavam inseridos concomitantemente com a indústria dos imigrantes alemães, que se destacavam tanto em atividades agrícolas como aquelas comerciais e industriais. Esse predomínio é apontado por Monteiro ao sinalizar que 40% dos membros da Associação Comercial de Porto Alegre eram teuto-brasileiros, sendo que 17 membros de 327 eram italianos (1995, p. 47). Os alemães se destacaram nos segmentos das cervejarias, metalurgia e curtição de couro.

As áreas onde os italianos predominaram em sua maioria remontam os antigos hábitos e conhecimentos adquiridos na terra natal. Desde aquele que produz tecido àquele que importa e exporta manufaturas, procuravam uma ligação étnica e comercial com a Itália. De forma sucinta, apresentar-se-á algumas destas fábricas e comércios ligados à gastronomia italiana, e incorporadas no cenário porto-alegrense<sup>6</sup>. A amostra das casas de comércio e fábricas existentes em Porto Alegre com especialização a meios de subsistência como alimentação, pelo almanaque, foram a Casa Fracalanza, Natale Grimaldi, Confeitaria Rocco, DalMolin irmãos e Simon, Giacomo Bernardi e figli, A. Costi e filhos, Olivo Broetto e comp., entre outras.

A casa Fracalanza, com origem em São Paulo em 1915, se transformou em uma das maiores casas de comércio do Brasil, com filiais no Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. Em Porto Alegre estava localizada na Rua Voluntários da Pátria, 393, considerada de maior movimentação dessa cidade. Em São Paulo tinha como ofício industrial a produção de vassouras, escovas, tinturas e peneiras para farinhas e cereais; já no Rio de Janeiro tinha como principal foco a produção de cordas e fibras para vassouras, escovas e tintas.

---

<sup>6</sup> CINQUANTENARIO della Colonizzazione Italiana nel Rio Grande del Sud. 2000.

No Rio Grande do Sul haviam três indústrias, divididas entre Carlos Barbosa e Porto Alegre; era especializada na produção de chapéus de palha, de várias formas e tipos, tal como diferenciando das outras filiais do restante do Brasil, havia a produção e engarrafamento de vinhos. Conforme a imagem a seguir, verificamos que a partir da década de 1950 a casa Fracalanza começa a produzir também panelas de aço inoxidável.

Figura 2: Publicidade da Casa Fracalanza.



Fonte: blogspot.com.

Outro grande nome italiano é Vicente Monteggia, nascido em Laveno, Sul do Lago Maggiore, que aos 21 anos veio para a América. Em Porto Alegre fundou uma colônia chamada Villa Nova D'Itália, onde trabalhavam Trentinos e Montavano, e tinham como principal produção um moinho, além do fornecimento de frutas ao mercado Público (BRUM, 2003, p. 184). Também temos Giacomo Bernardi e figli, e Olivo Broetto e comp., que se dedicaram à horticultura e a pecuária em Porto Alegre.

**Figura 3: Casa e Moinho de Vicente Monteggia em 1925.**



Fonte: staticflickr.com.

A confeitaria Rocco hoje faz parte da história e arquitetura porto-alegrense. O monumental prédio erguido em 1910 entre as ruas Riachuelo e a Praça Conde de Porto Alegre<sup>7</sup>, hoje esquina das ruas: Riachuelo, Doutor Flores e Praça Conde de Porto Alegre, foi onde funcionou uma das mais marcantes fábricas e comércios de italianos em Porto Alegre.

O seu fundador foi Rocco Nicola, vindo em 1892 de Buenos Aires, onde havia trabalhado na confeitaria *El Molino*, mas radicado permanentemente em Porto Alegre em 1895. Proveniente de uma província no Sul da Itália, Campobasso, trouxe consigo a experiência do fazer doces. A primeira experiência de Rocco Nicola em Porto Alegre foi a 'Confeitaria Sul Americana' em 1895, um pequeno e modesto negócios de doces, conforme mostra a figura 4.

---

<sup>7</sup> "(...) Nicola Rocco inaugurava tra l'entusiasmo e il giubilo dei connazionali e degli ospiti il sontuoso edificio che oggi si ammira all'angolo di via Riachuelo e piazza Conde de Porto Alegre". **CINQUANTENARIO della Colonizzazione Italiana nel Rio Grande del Sud (1875 - 1925)**. v. II. p. 365. Tradução livre feita pela autora.

**Figura 4: Confeitaria Sul Americana.**



Fonte: *Cinquantenario della Colonizzazione Italiana nel Rio Grande Del Sud*, 2000.

Com o crescimento da cidade e a sua urbanização crescente, o italiano optou em construir a fábrica de doces, salão de festas e confeitaria. Empregando mais de sessenta pessoas, Rocco era considerado por muitos um amigo e pai, e durante a sua vida dedicou-se à filantropia; deixou, após a sua morte em 1932, parte de sua fortuna para orfanatos da capital (BRUM, 2003, p. 271).

**Figura 5: Confeitaria Rocco em 1912.**



Fonte: gibanet.com.

Outro empreendimento pioneiro de grandes proporções foi a fábrica de massas alimentícias de Natale Grimaldi. A fábrica era considerada uma das mais importantes e tradicionais de Porto Alegre, localizada na Rua General Vitorino, 15. Conforme o Almanaque, “albergues, restaurantes, instituições e hospitais

recebem o fornecimento de massas, que é reconhecida pela sua excelência na produção”<sup>8</sup>.

O fundador, Andrea Grimaldi, veio da região de Salerno na Itália em 1885, e ao tratar sobre a sua vinda e como este se introduziu na sociedade porto-alegrense o texto diz que “pobre, mas disposto, dizia-se fabricante de massas alimentícias, demonstrando uma fórmula simples, mas sempre com grande habilidade e atividades surpreendentes”<sup>9</sup>.

A partir de 1905 seu irmão mais novo, Natale Grimaldi, assume a empresa e a transforma em uma das mais importantes empresas de família italiana do Rio Grande do Sul, recebendo várias honrarias como: *Medaglia d’oro nella Esposizione dello Stato del 1901; Medaglia d’oro alla Esposizione di S. Louis nel N. America (1904); Medaglia d’argento, Rio de Janeiro (1908); Medaglia d’oro all’Esposizione agro-pecuaria in Porto Alegre (1916); diploma d’onore dell’Istituto Agricolo Brasileiro in Rio de Janeiro (1925); Grande premio con medaglia d’oro all’Esposizione del Cinquantenario della Colonizzazione Italiana nel Rio Grande del Sud (Porto Alegre, dicembre 1925)*<sup>10</sup>.

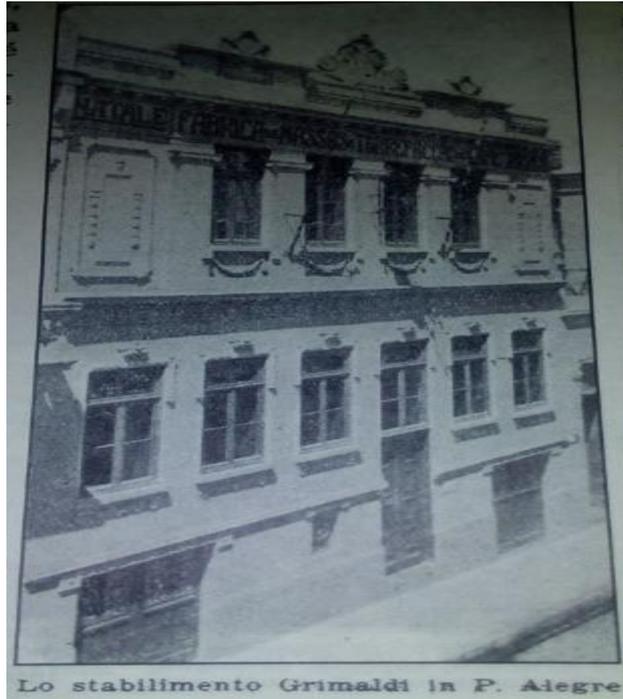
---

<sup>8</sup> “(...) Alberghi, ristoranti, istituti, ospedali si forniscono da essa, tanto riconosciuta è l’eccellenza della sua pasta”. **CINQUANTENARIO della Colonizzazione Italiana nel Rio Grande del Sud (1875 - 1925)**. v. II. p. 358. Tradução livre feita pela autora.

<sup>9</sup> “(...) povero ma volonteroso, si dette all’ufficio di fabbricante di paste alimentari, impiegandosi ora qua, ora lá, ma dimonstrando sempre grande abilità e sorprendente attività”. **CINQUANTENARIO**, op. cit. Tradução livre feita pela autora.

<sup>10</sup> **CINQUANTENARIO della Colonizzazione Italiana nel Rio Grande del Sud (1875 - 1925)**. v. II. p. 360-361.

**Figura 6: Estabelecimento Grimaldi em Porto Alegre.**



Fonte: CINQUANTENARIO della Colonizzazione Italiana nel Rio Grande del Sud (1875 - 1925).

Na produção para bens de subsistência estão os grupos Dal Molin irmãos e Simon e A. Costi e filhos. O primeiro grupo era especializado em produção de banha de porco, além de exportar para São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Pernambuco e Pará mais de 1.500.000 kg por ano. Mas também se dedicava em comerciar cereais e vinhos em Porto Alegre. Já A. Costi e filhos se localizava na rua da Conceição em Porto Alegre, e tinham como especialidade também a venda de banha de porco, produzida em vários pontos do estado gaúcho, como Guaporé e Taquari.

A sociedade porto-alegrense das primeiras décadas do século XX, de maneira geral, se beneficia pela vinda desses imigrantes que vinham mais capacitados do que aqueles vindos no período anterior. Antonio de Ruggiero (2014) analisa que a maioria dos comerciantes italianos praticavam atividades ditas “transnacionais”, como a venda de produtos étnicos, principalmente alimentícios, em um primeiro momento importados diretamente da região de origem, e sucessivamente somente italianos mantiveram o domínio da venda de produtos alimentícios chamados de “coloniais”, filhos da integração de práticas “italianas” com produtos locais, cultivados principalmente nas colônias das regiões serranas.

## 2.3 RECURSOS ÉTNICOS E TRANSNACIONALISMO

### 2.3.1 A TRAJETÓRIA DE JOSÉ PAPPALARDO AO CHEGAR EM PORTO ALEGRE

A trajetória de José Pappalardo se inicia com a sua saída da Sicília, mais especificamente da região de Adrano, aos 17 ou 18 anos de idade em direção ao novo mundo, a América. Ao chegar em Buenos Aires, precisa adaptar e utilizar seus conhecimentos e técnicas aprendidas na infância: primeiro, o saber fazer a massa e, quando reemigra para Porto Alegre, o saber tocar a música.

A formação de José Pappalardo e seus irmãos vinha da infância, criados por um tio-avô que era um “tipo cigano”. Este tio-avô e seu pai tinham uma fabriqueta de massas em Adrano, onde foi aprendido o ofício de masseiro dos irmãos; eles eram os responsáveis pela busca e tratamento do trigo para a fabricação das massas.

Já a música, outra parte fundamental para o entendimento do personagem aqui pesquisado, vinha também da formação primária, pois quando criança e adolescente participava da banda paroquial, na qual tocava clarinete. Com o passar do tempo aprendeu a tocar outros instrumentos, como a requinta, o saxofone cachimbo e o oboé, este último a sua paixão. Este saber fazer construído através das relações familiares e sociais foi fundamental para a incorporação dos irmãos na América após a imigração (PAPPALARDO, 2015).

Seus irmãos, Salvador e Nicolau, já estavam em Buenos Aires trabalhando em um pastifício da cidade. Estes aconselharam José a vir para a América, deste modo fomentando redes migratórias que se tornam fundamentais, pois com elas há informações de possibilidades de trabalho, de como podem se alojar e até quais são os melhores meios para realizar a emigração (CONSTANTINO, 2014, p. 34).

As redes migratórias, ou redes sociais, consistem em um conjunto de pessoas, organizações ou instituições interligadas por algum grau de relação, sendo estes de amizade, familiar, de trabalho ou de sociabilidade (CAMPOS, 2015, p. 17). Estas redes facilitam a vida do imigrante, pois geram uma espécie de suporte, tanto no país de origem como no de chegada. Como já comentada,

a comunicação em que José Pappalardo teve com os seus irmãos, que já estavam estabelecidos em um novo país, foi fundamental para que ele emigrasse.

As migrações tendem a ocorrer apoiadas nessas redes, principalmente nas de parentesco e sociabilidade, pois são estas que podem ocorrer tanto na origem como no destino, sendo por empréstimos, facilitando a conquista do primeiro emprego (NETO & NAZARETH, 2009, p. 2). Para isso, podemos falar de redes migratórias, que se definem como conjuntos de laços interpessoais que ligam migrantes e não migrantes, em áreas de origem e destino, a partir do vínculo de parentesco, amizade e conterraneidade (TRUZZI e NETO, 2007, p. 42).

Uma “rede migratória” não se confunde com redes pessoais. Essas redes precedem a migração e são adaptadas a um fim específico: a ação de migrar. Quando suas singularidades dependem da natureza dos contextos sociais que ela articula, uma rede migratória é, também, um tipo específico de rede social que agrega redes sociais existentes e enseja a criação de outras: portanto, consiste em “uma rede de redes sociais”. Por fim, uma “rede migratória” implica origem e destino – isto é: recortes territoriais, países, estados, microrregiões, municípios, cidades etc., que se articulam por intermédio de fluxos migratórios. (SOARES & RODRIGUES, 2005, p. 66)

Ao analisarmos a vinda dos Pappalardo, vemos a existência de uma rede de trabalho e familiar; em um primeiro momento, na Argentina, que se exemplifica na imagem abaixo, a existência da oportunidade de trabalho e a presença dos seus irmãos mais velhos no país, que propiciaram a vinda de José Pappalardo.

Figura 7: Rede.



Fonte: Elaborada pela autora.

Bem como existirá uma nova rede formada em Porto Alegre por José Pappalardo, que se tornará o centro das relações; é ele quem posteriormente ajudará famílias a virem para a cidade, como os Scavuzzo, dando oportunidade de emprego para Maria Faccin, Gughielmo Ciuerello, e Gaetano Pellegrino em sua fábrica, constatando assim uma rede de solidariedade entre os conterrâneos. Rememoramos a vez que José viajou à Itália, e encontrou um velho amigo, Giuseppe Scavuzzo, que passava por dificuldades no pós-guerra, e o convida junto a sua família para vir à Porto Alegre. José os ajuda emprestando dinheiro para custear a viagem e os empregou em sua fábrica de massas nos primeiros meses após a chegada (CHARÃO, 2015, p. 95).

É comum verificar a partir dos relatos de imigrantes que, muitas vezes, se optava em exercer duas funções; por exemplo: o músico sempre tinha algo que complementava a sua renda, como José Pappalardo, que exercia sua posição na Banda Municipal e também, em um primeiro momento, junto com os seus irmãos, se torna um pequeno empresário do ramo alimentício, área comum ao grupo de italianos na cidade de Porto Alegre (CONSTANTINO, 1991, p. 70).

A tabela a seguir, organizada a partir dos dados do Centro de Estudos Migratórios Latinoamericanos, apresenta a entrada em Buenos Aires de cinco "Giuseppe Pappalardo" entre os anos de 1924 e 1925. Conforme já lembrado, muitas vezes as fichas de cadastro dos imigrantes, tanto quando saíam da Itália, como na chegada no local de destino, não eram completas e muitas vezes alguns dados eram alterados, pois não havia preocupação com a veracidade das

informações. Acredita-se que o Giuseppe Pappalardo aqui pesquisado seja aquele que, segundo os dados abaixo, tem 19 anos, é originário da Catânia e chega a Buenos Aires em setembro de 1925, pois é aquele que mais se aproxima com as informações fornecidas por sua filha, Maria Graça Pappalardo.

**Tabela 2:** Nomenclaturas.

Sobrenome	Nome	Idade	Nacionalidade	Profissão	Data de Chegada	Lugar de nascimento
Pappalardo	Giuseppe	04	Italiana		20/10/1924	
Pappalardo	Giuseppe	0	Italiana		02/12/1924	Salerno
Pappalardo	Giuseppe	42	Italiana	Comerciante	26/12/1924	Catania
Pappalardo	Giuseppe	24	Italiana	Agricultor	26/12/1924	Catania
<b>Pappalardo</b>	<b>Giuseppe</b>	<b>19</b>	<b>Italiana</b>	<b>?</b>	<b>08/09/1925</b>	<b>Catania</b>

Fonte: Elaborada pela autora.

A vinda para Porto Alegre acontece após alguns meses da chegada de José em Buenos Aires, quando viu uma oportunidade de explorar outro conhecimento participando da seleção de músicos para a Banda Municipal de Porto Alegre, a partir de um concurso público divulgado nos principais jornais da época em Porto Alegre, Montevideu e Buenos Aires, sendo formada com a regência de José Corsi e idealizada pelo intendente da época: Otávio Rocha (CONEDERA, 2017, p. 180).

Figura 8: Em destaque, José Pappalardo.



Fonte: google.com

A Banda Municipal de Porto Alegre era um projeto desde 1924, quando começaram a ser procurados professores de música para a Banda, porém apenas em 8 de abril de 1925 é aberto edital no jornal *A Federação*<sup>11</sup>, procurando músicos estrangeiros para cobrir a falta de algumas especialidades em Porto Alegre (CONEDERA, 2017, p. 183). Em 1926 foi viabilizada a participação de estrangeiros na banda, o primeiro concerto ocorreu no Theatro São Pedro, enquanto as obras do Auditório Araújo Vianna não estavam concluídas.

Na entrevista realizada com Maria Graça Pappalardo, a opção por emigrar foi basicamente pelo motivo da falta de emprego e de condições de vida em Adrano, região da Catânia na Sicília. Maria Graça narra que o seu pai saiu de suas terras sem ter a certeza do que encontraria em outro país, não sabia o que ia fazer, mas sabia que precisava trabalhar. Na Itália não havia trabalho, por isso os irmãos Salvador e Nicolau foram para Buenos Aires e se empregaram em uma fábrica de massas, ramo já familiar, pois em Adrano eles também tinham uma pequena fábrica de massas. Depois de se instalarem, enviaram o chamado para José, que seguiu o caminho dos irmãos indo para a Argentina (PAPPALARDO, 2015).

---

<sup>11</sup> “Banda Municipal de Porto Alegre: Projeto de organização apresentado ao Intendente municipal pelos maestros José Corsi e José de Andrades Neves”. *A Federação*. 8 de abril de 1925, p. 4.

A partir da vinda dos Pappalardos se verifica a existência de um *network étnico*, que determina uma estrutura de oportunidades nos países hospitaleiros, onde a migração internacional não seja um produto especialmente político, embora acabe se mantendo por um tempo independente das oportunidades existentes no país de destino. Desse modo, dá origem à integração original e a convivência multiétnica. Esse *network étnico* se transforma em um chamado *network familiar*, o qual obriga o migrante a estar preso nesse estado do qual tem como base a sua comunidade de origem.

Nessa linha é possível analisar a partir de Constantino (1991) estas cadeias de relacionamento que auxiliam a vinda de novos imigrantes, principalmente no século XX. Elas podem ser definidas como um conjunto de contatos pessoais, comunicações, favores entre famílias, amigos, conterrâneos, seja na sociedade emissora ou na receptora (CONSTANTINO, 2015, p. 37), que se tornaram comum principalmente nos países americanos que recebem grande fluxo de imigrantes, como Estados Unidos, Brasil e Argentina.

As utilizações de conhecimentos adquiridos no país de origem foram, por diversas vezes, o meio que o imigrante encontrou para garantir o seu sustento no novo país. Esta relação pode ser chamada de transnacionalismo, termo que se define por ser um processo em que o migrante constrói uma espécie de ponte social que liga o seu país de origem com o de chegada<sup>12</sup>.

A interação entre o transnacionalismo e a imigração italiana em Porto Alegre se dá pela forma que, principalmente comerciantes, utilizam o conhecimento para inserção à comunidade. Existe uma relação de pertencimento entre o povo e o seu território, e a identidade nacional acaba se formando a partir de comunidades culturais em que os membros destas se tornam homogêneas ao se integrarem a partir de recordações históricas, mitos, símbolos e tradições.

Há existência de uma valorização de algum aspecto cultural de origem que acaba sendo explorado pelo migrante como âmbito de trabalho no país de recebimento<sup>13</sup>. Ao pesquisarmos os relatos de famílias italianas vindas para Porto Alegre, encontramos diversas semelhanças com esse conceito

---

<sup>12</sup> Definição por Maurizio Ambrosini em seu livro *Intraprendere fra due mondi: Il transnazionalismo economico degli immigranti*.

<sup>13</sup> AMBROSINI, Maurizio. *Intraprendere fra due mondi*. p. 77.

sociológico. Existe uma forma de unidade no que é ser estrangeiro e como se inserir na melhor forma possível na sociedade.

Assim, o estrangeiro de que falamos aqui não é essa personagem que foi frequentemente descrita no passado, o viajante que chega um dia e volta a partir no dia seguinte; é, antes, a pessoa chegada hoje e que ficará amanhã, o viajante potencial, de alguma forma: embora não tenha prosseguido o seu caminho, não abandonou completamente a liberdade de ir e vir. (SIMMEL, 1990, p. 53-54)

Nas cidades, o italiano se insere principalmente nos ramos de profissões já estabelecidas anteriormente em seus locais de origem.

Alguns indivíduos são médicos, dentistas, professores de música, padres. São incontáveis os alfaiates, sapateiros, barbeiros, funileiros, pedreiros, ourives, etc., assim como garçons, porteiros, fotógrafos, tintureiros, vendedores ambulantes, cozinheiros. (CONSTANTINO, 1991, p. 194)

O comércio étnico começa a estar em funcionamento e expansão nas primeiras décadas do século XX (FRANKLIN, 2015, p. 174). Se constitui de uma rede de apoio e cooperação entre os imigrantes, que auxiliam os recém-chegados a se introduzir na sociedade “destino” sem que haja o choque de cultura, desde a chegada até a colocação no mercado de trabalho.

A experiência de imigração, respaldada no e pelo comércio, adquire significado justamente nas possibilidades de emprego e socialização encontradas pelo imigrante, uma vez que esta passa a ser instruído no interior de um circuito social-étnico mais seguro e dinâmico. (FRANKLIN, 2015, p. 175).

Os grupos imigrantes pioneiros formam este tipo de rede, que gerará um comércio étnico que se revela quando analisamos a presença maciça de grupos especializados em locais determinados da cidade, como a Praça da Alfândega, Rua dos Andradas ou até em bairros como Cidade Baixa e Bom Fim.

### 2.3.2 A ALIMENTAÇÃO COMO RECURSO ÉTNICO

Quando falamos da utilização de recursos étnicos como forma de inserção em uma sociedade distinta, é preciso perceber que estes dizem respeito a aspectos socioculturais e demográficos de todo um grupo e não

apenas de alguma fração específica que estimula atividades empresariais (TRUZZI e NETO, 2007, p. 42).

A transformação de aspectos culturais como recursos étnicos ocorre quando se torna necessário encontrar uma maneira de manter ligações entre os imigrantes, é uma mentalidade trazida desde os primeiros imigrantes e passada para seus descendentes, que mantêm a utilização dos recursos étnicos para demonstrar uma ligação com o seu local de origem (SCHMIDT, 2015, p. 37).

A alimentação se torna um dos principais recursos étnicos dos imigrantes no Rio Grande do Sul para inserção comercial na sociedade. As fábricas e comércios, de origem principalmente italiana e alemã, conforme dados já apresentados anteriormente neste trabalho, apontam que estes dois grupos étnicos movimentam o comércio de bens de consumo, sendo a produção de alimentos em primeiro lugar.

A culinária funciona como linguagem, expressando cultura e tradições de quem a pratica (MONTANARI, 2009, p. 11). Para o estrangeiro muitas vezes se torna mais fácil utilizar fatores de sua cultura, como a alimentação. Neste sentido, preenche o vazio da distância como um meio de comunicação, ou seja, a cozinha se torna

(...) um extraordinário veículo de autorrepresentação e de comunicação: não apenas é instrumento de identidade cultural, mas talvez seja o primeiro modo para entrar em contato com culturas diversas, já que consumir o alimento alheio parece mais fácil – mesmo que apenas na aparência – do que decodificar-lhe a língua. (MONTANARI, 2009, p. 11)

Não é por acaso que o famoso escritor italiano Edmondo De Amicis relatava em páginas sugestivas, a imagem de imigrantes que no final do século XIX desafiavam “os controles das alfândegas portuárias para trazer consigo na viagem seus produtos enogastronômicos, com a intenção de presentear os parentes que os esperavam do outro lado do oceano” (DE RUGGIERO, 2018, p. 124). Óleos, castanhas, queijos, azeitonas e vinhos típicos do *paese* podiam ajudar a matar a nostalgia e também a estancar aquela que Fabio Caffarena definiu “hemorragia identitária” dos emigrantes (CAFFARENA, 2006, p. 2).

A alimentação serve como referência para a conservação da identidade de um grupo (MONTANARI, 2009, p. 12). Identidades são formadas a partir de certas categorias, como família, religião, classe social, espaço e território

(SMITH, 1997, p. 22), e no contato com culturas diversas se adaptam e se redefinem; porém, sempre mantendo características originais. No caso da gastronomia, a identidade apresenta-se também na manutenção das técnicas tradicionais de preparo das comidas. O imigrante pode, assim, conservar traços próprios de sua cultura também na utilização de produtos autóctones do país de chegada.

Nesse sentido, relativamente ao Rio Grande do Sul, existem numerosos estudos que nos informam a respeito de um hibridismo alimentício, que gerou uma cozinha definida “colonial”. Nas principais regiões de colonização italiana conseguiu-se a perpetuação das tradições gastronômicas do país de origem, não obstante a utilização de produtos locais:

Estas (tradições) eram ligadas, por exemplo, ao cultivo das vinhas e das oliveiras, ao preparo da polenta e do pão, à produção de embutidos etc. Poder-se-ia falar de um *Know How* culinário italiano que se integra – “transnacionaliza-se”, se diria hoje – para se adaptar rapidamente às condições que o território local poderia oferecer. (DE RUGGIERO, 2018, p. 126)

A mobilidade humana no período da Grande Imigração pode ser vista como um processo de globalização, onde o cidadão italiano, ou europeu em geral, se tornou cidadão do mundo no relacionamento com perfis culturais diferentes (MONTANARI, 2013, p. 153). Tal como Montanari (2013) exemplifica ao tratar do papel da massa nos mais diversos contextos:

A massa na Itália constitui, quase sem exceções, um prato por si. Em outros países, é usada como acompanhamento da carne ou de outros pratos, suscitando arrepios de horror em muitos ‘puristas’, aos quais seria útil lembrar como era, na Idade média e no Renascimento, o modo original de emprego da massa, mesmo na Itália. (MONTANARI, 2013, p. 151)

O transnacionalismo e o hibridismo culinário típicos das regiões de imigração agrícola, porém, se acompanhou, em um primeiro momento, a uma tendência de resistência cultural nos principais centros urbanos envolvidos com o fenômeno imigratório. São muitos os casos de italianos empreendedores que se afirmaram no comércio étnico de alimentos diretamente importados da península.

São Paulo é certamente o exemplo mais emblemático pelo surgimento de inúmeras casas “étnicas” de importação, tanto que muitos peninsulares construíram grandes fortunas sustentados também pela propaganda dos jornais italianos que circulavam em grande quantidade, impondo costumes alimentares e valores culturais ligados aos produtos genuinamente de proveniência peninsular (DE RUGGIERO, 2018).

As principais cidades gaúchas também se envolveram nesses processos. No período da Grande Imigração, os comerciantes italianos desse estado se vangloriavam de vender alimentos coloniais produzidos pelos compatriotas da região da Serra, mas ainda mais valorizavam alimentos que provinham diretamente da Itália e que eram armazenados, por exemplo, nas diversas “casas de despachos”, localizadas nas proximidades do porto da capital (DE RUGGIERO, 2017).

Nos anos sucessivos, os processos de urbanização e de desenvolvimento industrial das principais cidades brasileiras geraram uma atração geral para muitos descendentes, que se transferiram das colônias do interior para a cidade. No setor comercial aumentaram os empreendimentos para a venda de gêneros alimentícios que, agora produzidos em grande escala e com máquinas industriais, continuavam a remeter diretamente a sua origem caseira italiana ou colonial.

Estes descendentes procuram comercializar e adaptar os produtos originalmente feitos nas cidades interioranas, ou importados diretamente da Itália, como salame, queijos, vinhos e massas, para as grandes cidades. Neste momento os alimentos, apesar de perderem o valor simbólico da genuinidade italiana, mantiveram a definição do “tipo italiano”, para continuar a afirmar uma garantia de boa qualidade.

A manutenção e o respeito da técnica italiana na preparação dos alimentos já “brasileiros”, se torna nesse momento o principal ingrediente para reforçar a ligação e valorizar o produto, confeccionado seguindo rigidamente as “normas italianas” que preservavam, de uma certa forma, a ligação transnacional com a Itália, em um momento em que o país mediterrâneo começava a ser reconhecido como centro de uma cultura gastronômica de excelência (DE RUGGIERO, 2015, p. 351).

Como afirma o sociólogo italiano Maurizio Ambrosini, este tipo de empreendedorismo transnacional pode resultar em um veículo de transmissão de significados simbólicos e culturais (AMBROSINI, 2005, p. 81). Muitos imigrantes investiram nessa possibilidade de se garantir, principalmente, uma clientela étnica nas cidades que mais hospedavam compatriotas ou descendentes; ao mesmo tempo, se valorizava como estratégia de marketing a capacidade e os métodos tradicionais aprendidos na Itália. O imigrante aproveita seus meios disponíveis, no caso a sua qualificação, para se integrar.

A gastronomia tornou-se parte de uma dimensão cultural, que apesar de mutável, não perdeu as conexões com o grupo social de origem, também dentro das segundas e terceiras gerações. A identidade cultural ligada à gastronomia é apresentada como parte de uma memória coletiva representativa de um grupo que se identifica por traços culturais comuns. Além disso, o conhecimento de técnicas e produção de alimentos permitiu uma mais fácil inserção deste setor nos principais contextos urbanos também do Rio Grande do Sul. Os italianos, em particular, aproveitaram a riqueza e a variedade culinária para defender e, ao mesmo tempo, promover o próprio modelo gastronômico nos países onde se inseriram.

Tanto que o jornalista italiano Francesco Bianco, após uma visita ao Brasil em 1922, relatava que os italianos:

Conseguiram impor a própria culinária, assumindo o domínio dos gostos daqueles povos (...). Existem aqui milhões de compatriotas que comem com certeza de uma maneira bastante italiana. E os filhos desses italianos, os quais algumas vezes esquecem a pátria de seus pais, nunca se esquecem das cozinhas das suas mães... (BIANCO apud DE RUGGIERO, 2018, p. 126)

Os descendentes residentes no Brasil, apesar de desejarem um processo rápido de integração, não renunciavam nas novas pátrias de recriar alguns traços de suas memórias, tradições e símbolos. No que pertence à gastronomia, pode-se afirmar que os italianos mantiveram sempre formas de “resistências” mais evidentes do que outros processos de *melting pot* cultural.

Além disso, esta representação que valorizava o conhecimento de técnicas específicas na elaboração de alimentos permitiu uma mais fácil inserção

neste setor também quando a produção se industrializou e os alimentos continuaram, porém, a manter uma identificação de “tipo italiano”.

Através deste capítulo tentamos, então, descrever o contexto de inserção e ambientação de José Pappalardo em Porto Alegre. Tanto as habilidades em campo musical, como no preparo de alimentos se tornaram os recursos determinantes na escolha de emigrar, suportados também pelas suas redes étnicas construídas entre a Itália, a capital argentina e a do Rio Grande do Sul. Foi a partir desses elementos que iniciou a sua nova trajetória de imigrante empreendedor no Brasil.

### 3 MASSAS ALIMENTÍCIAS PAPPALARDO

#### 3.1 PRIMEIROS ANOS (1930 - 1937)

Quando José Pappalardo escolheu a cidade de Porto Alegre como a sua nova residência, podia contar com duas habilidades específicas que permitiram que se tornasse um imigrante empreendedor: o conhecimento da música e as capacidades artesanais na fabricação de massa.

Desde o final do século XIX, as autoridades diplomáticas italianas no Rio Grande do Sul registravam a presença de uma imigração espontânea nas cidades do estado formada por quatro “classes sociais” de indivíduos: os poucos comerciantes abastados que se tornaram a elite da comunidade étnica; os vendedores ambulantes, ou seja, os mascates, que a partir dessa atividade humilde podiam se tornar pequenos comerciantes; os “artistas”, como professores de música e de canto, que frequentemente conseguiam bom negócios nos centros urbanos que começavam a desenvolver um gosto pelas representações artísticas e culturais “europeias”; e por fim, a última categoria dos artesãos, que com capacidades manuais aferentes à própria cultura de origem, criam no país de acolhimento novos nichos de mercado (BRICHANTEAU apud CONSTANTINO, 2008, p. 110).

O siciliano Pappalardo se inseria nestas duas últimas categorias sociais. Sua paixão e habilidades musicais permitiram que participasse de uma associação de músicos (Centro Musical Porto-Alegrense) e da Banda Municipal de Porto Alegre, que nos anos trinta estava adquirindo um certo prestígio em todo o estado gaúcho. Como a maioria desses profissionais artísticos, porém, precisava buscar outras oportunidades para aumentar a renda familiar (SIMÕES, 2012, p. 57).

Os imigrantes, quando portadores de qualificação ou conhecimento técnico, fortaleciam as suas chances de prosperar com empreendimentos que prezavam, na maioria das vezes, a utilização de suas redes de contato habitualmente formadas por conterrâneos (CONEDERA, 2017, p. 240). Aproveitando os seus conhecimentos técnicos, além da presença de um forte grupo siciliano na capital rio-grandense, José e seus irmãos decidiram

empreender com a produção de massas alimentícias, continuando o trabalho que – como dependentes – já tinham praticado em Buenos Aires.

A fábrica, inicialmente chamada “Salvador Pappalardo & Cia” e posteriormente “Massas Alimentícias Pappalardo”, nasceu em 1930. Estava localizada na Avenida Osvaldo Aranha, 966, próxima à Avenida João Telles e ao Cinema Baltimore.

O local onde funcionava a fábrica era alugado, pertencente à família Cauduro, emigrantes italianos que já tinham alcançado um certo status social no mercado imobiliário (PAPPALARDO, 2015, p. 3). A localização da fábrica era em um lugar estratégico, pois, como já tratado no capítulo anterior, na região central da cidade estavam estabelecidos os principais comércios e fábricas até metade do século XX. A mesma coisa acontecia nos bairros como Bom Fim e Cidade Baixa, conhecidos por terem uma grande circulação de imigrantes e descendentes desde o início do século XX.

Outro fator importante é a proximidade com a residência dos Pappalardos, na época estabelecida na vizinha Avenida João Telles, uma das principais vias do bairro Bom Fim. Este bairro recebeu desde 1924 uma atenção especial dos dirigentes, principalmente a partir do governo de Otávio Rocha, que promoveu o “embelezamento” e a remodelação da cidade de Porto Alegre. Uma das primeiras medidas foi a proibição das pastagens nos Campos da Redenção do Bom Fim (hoje Parque Farroupilha), e também o alargamento dos calçamentos da Avenida Bom Fim (hoje Osvaldo Aranha).

Este bairro em que a fábrica se localizava, era conhecido pela confluência cultural entre as mais diversas etnias. Além dos italianos, se verificou uma massiva imigração judaica para esta região, que até então era caracterizada por ser um bairro de negros. O chamado Campo do Bom Fim, até o final do século XIX, preservou poucas casas, chácaras e sítios, pois se caracterizava por matas, muitas vezes utilizadas como refúgio de escravos. Após a abolição virou o abrigo dos libertos e por isto passou a se chamar de “Campo da Redenção”.

Nos anos posteriores, mais especificamente na década de 1920, chegam as primeiras famílias judaicas em Porto Alegre e se instalam na Avenida Bom Fim, Rua Santo Antônio e Rua Silveira Martins, hoje Osvaldo Aranha, Gen. João Telles e Ramiro Barcelos. Durante a década de 1930 o bairro ganha sua característica de ser “boêmio”. Em 1931 inaugura-se o Cinema Baltimore, na

Avenida Osvaldo Aranha, com instalações modernas, principalmente por trazer os filmes sonoros<sup>14</sup>.

A fábrica inicialmente não tinha um maquinário de ponta, muitas vezes eram usadas máquinas de segunda mão, mas isso não foi empecilho para que ganhasse espaço entre os pastifícios mais importantes de Porto Alegre. Para que esse espaço fosse conquistado, a empresa focou muita atenção na divulgação e na propaganda da fábrica, tanto nos principais jornais, como “A Federação” e o “Correio do Povo”, como em almanaques comerciais, em particular o alemão “*Almanak Laemmer*”.

O jornal “A Federação” funcionava como instrumento oficial do governo ao incluir dados de fábricas abertas e fechadas, durante os anos que o PRR assume. Por ser um órgão do Partido Republicano, comandado por Júlio de Castilhos, tinha como subtítulo “federação, unidade; centralização, desmembramento”. Marco da história da imprensa gaúcha, teve papel político importante na queda da Monarquia, pois suas colunas refletiram alguns dos principais episódios da questão militar (SILVA, 1986, p. 150). Em 1931 encontramos o primeiro registro da fábrica de massas Pappalardo, quando ainda chamada “Salvador Pappalardo & Cia.”.

---

<sup>14</sup> Informações retiradas do site:

<[http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/observatorio/usu\\_doc/historia\\_dos\\_bairros\\_de\\_porto\\_alegre.pdf](http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/observatorio/usu_doc/historia_dos_bairros_de_porto_alegre.pdf)>. Acesso em: 10 fev. 2018.

Figura 9: Junta Comercial.



Fonte: A Federação. 8 de dezembro de 1931, p.8.

Em meados de 1930, os irmãos Pappalardo, com a ajuda de um parente da namorada de Nicola, Germano Schultz, conseguiram fundar a fábrica “Salvador Pappalardo e Irmãos” com um capital inicial de 20:00\$000<sup>15</sup> mil réis. Os três irmãos, que a partir de agora “abrasileiraram” oficialmente o seu nome (José, Salvador e Nicolau), ofereciam massas de sêmola, de ovos, e pastilhas para diabéticos, tal como massas com verduras e espinafre<sup>16</sup>.

Nos primeiros dois anos os Pappalardo trabalharam juntos. Em 1932, Nicolau saiu do acordo para buscar novas oportunidades, depois que também havia saído da Banda Municipal. Salvador, o irmão mais velho, também se retirou da sociedade para trabalhar em outra fábrica de massas, a porto-alegrense “Coroa”.

Em 1935, José tornou-se cada vez mais atarefado, tentando conciliar a sua paixão musical com o empreendimento alimentício. Como relata sua filha Maria Graça: “Ele não parava em casa e quando vinha só dedicava-se à fábrica, massa pra lá e pra cá e sempre tocando, era sua paixão e a massa também (...)”.

Muitos anúncios em diversos jornais da época, como A Federação, Diário de Notícias e Jornal do Dia, nos mostram que a participação artístico-musical de José rapidamente se estendeu a vários concertos avulsos à Banda,

<sup>15</sup> A Federação. 8 de dezembro de 1931, p. 8.

<sup>16</sup> Correio do Povo. 17 de março de 1932, p. 4

à inúmeras apresentações em rádios (imagem abaixo), e a viagens com quintetos por todo o Estado gaúcho.

Figura 10: Dados Banda Municipal.



Fonte: A Federação. 18 de maio de 1932, p. 4.

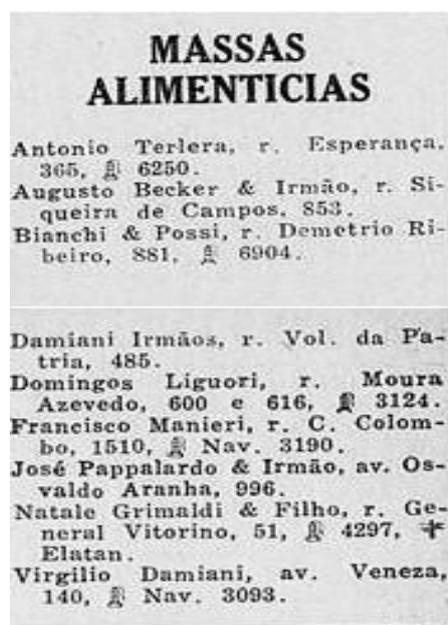
De acordo com a depoente Maria Graça Pappalardo, filha de José, os numerosos afazeres diários do seu pai e, o tempo que ele dedicava à atividade musical acabou por criar incômodos e dívidas com os clientes. Ele não conseguia manter o controle necessário na organização administrativa da fábrica e preferiu encarregar desta função sua esposa, Maria Berta Pappalardo. Ela, filha de imigrantes alemães, veio para o Rio Grande do Sul ainda pequena. Em 1930 casou-se com José, dando à luz a única filha, Maria Graça, em 1932.

A atividade de Maria na administração da empresa familiar mostrou, nos primeiros anos, uma atenção especial para a publicidade e propaganda da fábrica nos principais meios de comunicação local da época. Além do Jornal “A Federação”, encontramos anúncios específicos em periódicos que tiveram grande circulação em Porto Alegre e no Rio Grande do Sul, em particular no Correio do Povo e, talvez pela origem de Maria, também no periódico mensal alemão “*Almanak Laemmert*”. As propagandas seguiam nesse momento um modelo similar utilizado por outros pastifícios.

O “*Almanak Laemmert*”, nascido em 1833 no Rio de Janeiro, conheceu uma nova organização editorial a partir da nova gestão de 1909, com novos proprietários até 1942, mantendo o objetivo principal de trazer anúncios e

notícias das principais comunidades urbanas brasileiras, em campo “comercial, financeiro e utilitário”, como sublinhado no título do periódico. Não obstante, com a caracterização fortemente italiana do pastifício Pappalardo e o foco para um público de conterrâneos imigrantes – como veremos a seguir –, Maria Berta achou apropriado investir em uma divulgação mais ampla. No Almanaque havia um espaço dedicado a anúncios de fábricas, entre elas, na categoria Rio Grande do Sul/Porto Alegre, uma lista de fábricas de Massas Alimentícias.

Figura 11: Massas Alimentícias em Porto Alegre.



Fonte: Almanak Laemmert, 1936.

Durante a década de 1930 temos um primeiro *boom* industrial no Brasil. No período do governo Vargas, mesmo com o déficit da grande depressão de 1929, a economia brasileira cresceu cerca de 5% ao ano. O avanço econômico e social é acompanhado pelas reformas trabalhistas. A indústria brasileira cresceu expressivamente, ao lado da intensa urbanização das principais cidades brasileiras, conforme Priore (2012, p. 255). Em 1920, a cada dez brasileiros, dois moravam em cidades, já em 1940 a cada dez, três moravam nas cidades.

Estes dados ajudam a compreender melhor o nascimento de um alto número de fábricas dedicadas apenas ao setor alimentício na capital gaúcha. Setor este já bem consolidado, apesar de ainda manter uma caracterização artesanal, no período pregresso à inauguração da Fábrica de Massas Pappalardo. A indústria alimentícia, que já estava bem estabelecida na cidade,

principalmente no centro da capital gaúcha, cresceu até alcançar o número de 403 fábricas oficiais, segundo o censo de 1920, em um total de 1.814 fábricas em todo o Rio Grande do Sul (FORTES, 2004, p. 40).

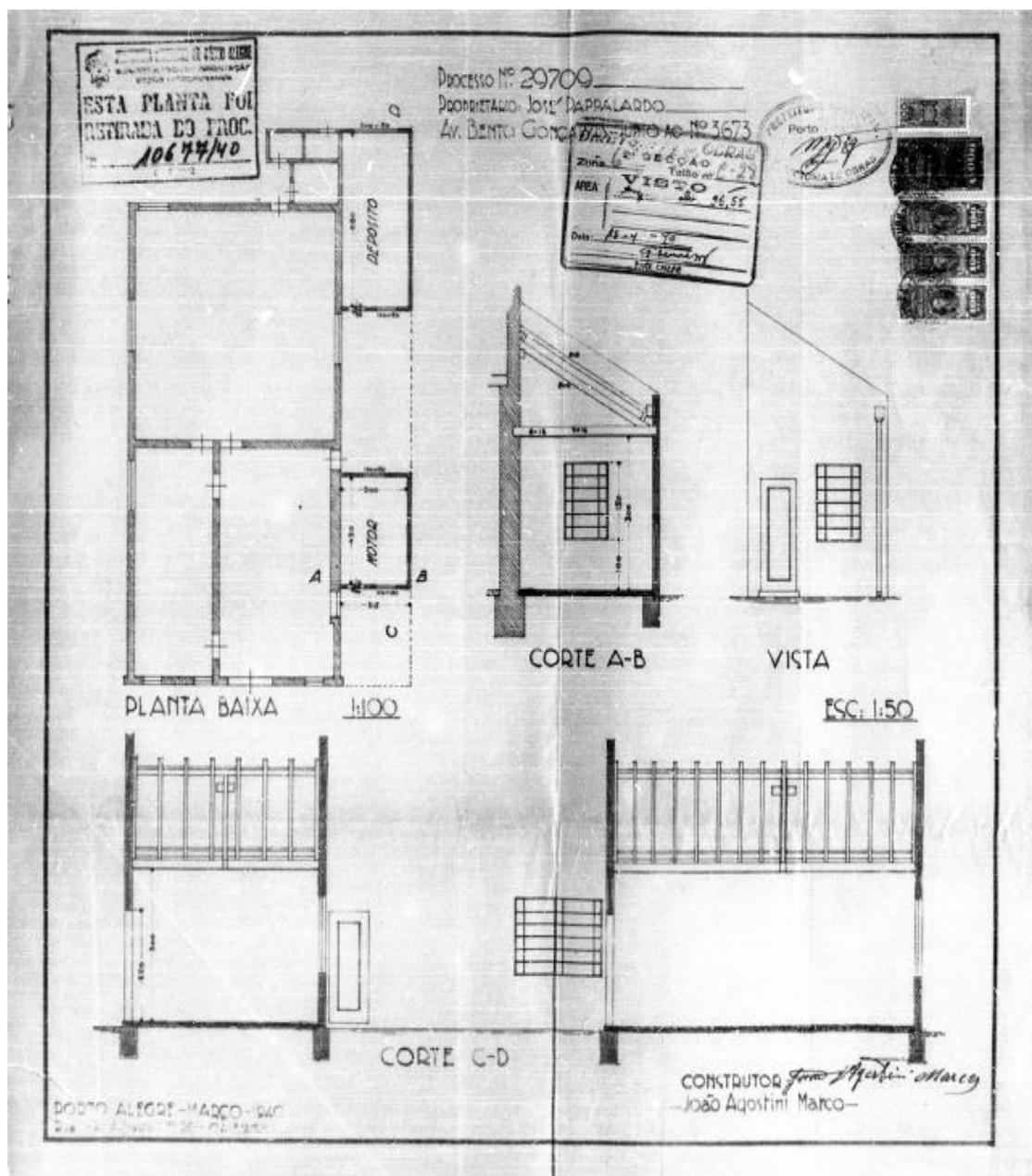
Após a estabilização da fábrica, é decidido mudar-se de local por dois motivos: tanto a fábrica como a casa em que moravam era alugadas da família Cauduro e o Departamento Estadual de Saúde ordenou a instalação de azulejos nas paredes das fábricas e comércios, a fim de melhorar as questões de saúde e proliferação de doenças nesses locais. Por estes motivos, em 1939, José decide comprar um terreno na Avenida Bento Gonçalves, 3647, região que ganhou as atenções de imigrantes a partir da década de 1940 junto à Zona Sul da capital gaúcha (CHARÃO, 2015, p. 35).

O bairro Partenon, desde o século XIX, detêm um dos primeiros hospitais psiquiátricos do Brasil, o Hospício São Pedro (nomenclatura da época), inaugurado em 1884. Desde então se desenvolve uma vasta rede comercial, pequenos e grandes estabelecimentos, de fábricas a hipermercados; a antiga “Estrada do Mato Grosso” se tornou uma das principais vias da cidade, ligando o centro da cidade à zona sul, leste e ao município de Viamão. E é lá onde a fábrica de Massas Pappalardo irá se desenvolver e irá chegar a plenitude, tal como à sua falência final.

A construção da fábrica iniciou em 1939, e levou cerca de 8 meses até ficar pronta, em julho de 1940. Foi construída com o material mais barato disponível e aos poucos, para amenizar os custos dos materiais. O terreno na Avenida Bento Gonçalves ainda sofria com uma precariedade por ser uma zona, na época, ainda considerada suburbana, ou rural, sem calçamento.

O prédio principal se constituiu da casa principal da família no andar superior, e no inferior ficavam o balcão de atendimento e parte da fábrica. Conforme o aumento da demanda, foi necessário aumentar o espaço da produção da fábrica, passando assim por duas reformas, nos anos de 1943 e 1947.

Figura 12: Planta da Casa Principal.



Fonte: Secretaria Municipal de Administração – Arquivo Municipal, 1942.

Além disso, a compra de novos maquinários marcaram essa nova fase de expansão na fábrica. Houve a venda do antigo maquinário e foram compradas máquinas Braibanti, que eram italianas. Estes maquinários revolucionaram a produção de massas alimentícias a partir da década de 1950, principalmente em 1967, quando foi projetada uma máquina chamada Cobra 2000, que era capaz de produzir duas toneladas de massa longa por hora ou 2,5 toneladas de massa curta.

**Figura 13: Máquina Braibanti – Cobra 2000.**



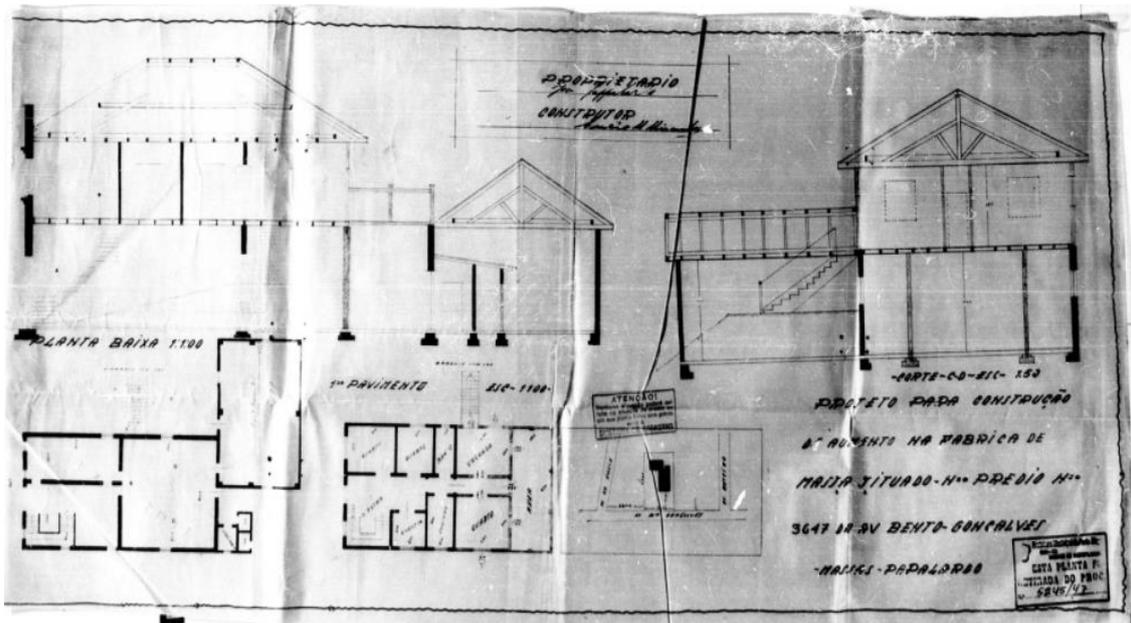
Fonte: wordpress.com.

A expansão do pastifício foi para suprir a frenética produção, as máquinas produziam cerca de 370 kg de massa por hora e não havia espaço para a secagem. Com isso foram comprados radiadores elétricos, que Maria Graça elucida comparando o funcionamento destes com um relógio, em que auxiliavam a secagem da massa. Em comparação com outras fábricas do período, Maria Graça Pappalardo relembra a ida, quando criança, a uma das concorrentes da fábrica de seu pai: Fábrica de Massas Grimaldi.

A Grimaldi na rua da alegria, General Vitorino, o meu pai me levou lá não tinha os secadores como tinha aqui, a massa era pendurada como se fosse um carrossel e girava pra secar. (PAPPALARDO, 2015, p. 2)

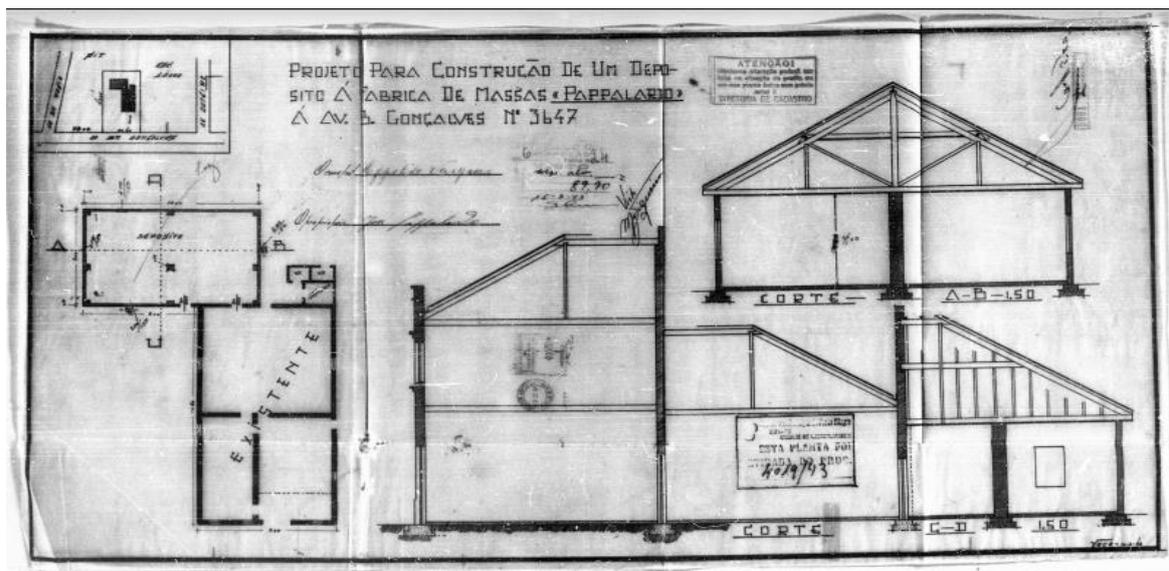
Esta falta de instrumentos na fábrica de massas alimentícias mais tradicional de Porto Alegre, foi provavelmente a coisa que determinou a falência da “Grimaldi” no começo dos anos 1940.

Figura 14: Planta 2 – Galpões de secagem de massas.



Fonte: Secretaria Municipal de Administração – Arquivo Municipal, 1947.

Figura 15: Planta 3 – Galpões de Secagem de massas.



Fonte: Secretaria Municipal de Administração – Arquivo Municipal, 1947.

### 3.2 ROTINA DA FÁBRICA E FUNCIONÁRIOS (1939 - 1950)

Com a expansão da fábrica Pappalardo foi necessária uma atualização no quadro de funcionários e houve um aumento visível da rotatividade de colaboradores. É interessante lembrar que com o governo Vargas ficou

estabelecido que pelo menos dois terços do número de empregados deveriam ser brasileiros natos<sup>17</sup>.

Sendo esta a primeira decisão de muitas outras que influenciaram a vida dos imigrantes no Brasil. Durante o Estado Novo, houve o receio de manter relações tão profundas com o trabalhador estrangeiro, que aparecia mais vezes em funções especializadas (FORTES, 2004, p. 84). Nas atas dos funcionários, no decorrer dos 30 anos de vida do empreendimento, foram contratados funcionários das mais diversas origens: sobrenomes como Zuleske, Bartz, Ditsch, Pellegrino, Gross, Müller, Ciuerullo, entre outros.

Desde o advento do Estado Novo houve uma série de leis que estabeleciam um novo regimento sob os estrangeiros de passagem pelo Brasil, tal como pelos imigrantes já residentes no país. Com o objetivo de regularizar o fluxo migratório foi estabelecida uma quota destinada a imigração, para limitar a entrada de imigrantes em território nacional ao 2% sobre o número total dos respectivos nacionais assentados no Brasil durante os últimos cinquenta anos<sup>18</sup>.

Além disso também houve o Decreto-Lei 24.258, que dividiu os imigrantes em Agricultores e Não Agricultores. Essa medida procurava organizar a entrada estrangeira no Brasil. Era necessária uma carta de chamada, documento de bons antecedentes e justificativas à entrada no território brasileiro. Uma das principais implicações em empresas no período é o 3º artigo deste decreto.

Art. 3º Todos os indivíduos, empresas, associações, companhias e firmas comerciais, que explorem, ou não, concessões do Governo federal ou dos Governos Estaduais e Municipais, ou que, com esses Governos contratem quaisquer fornecimentos, serviços ou obras, ficam obrigadas a demonstrar perante o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, dentro do prazo de noventa dias, contados da data da publicação do presente decreto, que ocupam, entre os seus empregados, de todas as categorias, dois terços, pelo menos, de brasileiros natos. (BRASIL, DECRETO 19.483 de 12 de dezembro de 1930)

A implicação direta com a fábrica de massas é verificada a partir do balanço dos registros de funcionários. Nos trinta anos de fábrica, das noventa e uma pessoas que trabalharam, apenas 10% destes eram de origem estrangeira,

---

<sup>17</sup> BRASIL. **Decreto nº 20.291, de 12 de Agosto de 1931**. Aprova o regulamento para execução do art. 3º do decreto n. 19.482, de 12 de dezembro de 1930. Rio de Janeiro, 12 de agosto de 1931.

<sup>18</sup> BRASIL. **Constituição (1934)**. Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil de 1934. Art. 121, Parágrafo 6º. 1934.

ou imigrantes, conforme o Artigo 3º acima ilustra. Normalmente as empresas italianas de pequeno e médio porte tinham em seu time de trabalho mulheres e homens, de diferentes etnias nesse período (CHARÃO, 2015, p. 276).

O final da década de 1930 e o início de 1940 é marcado por uma efervescência, não somente política, como cultural e econômica. É o momento em que o Brasil sofre o golpe Estado Novista por Getúlio Vargas, e que passa a regulamentar ainda mais profundamente as atividades dos cidadãos, espremendo um nacionalismo pungente, que daria espaço para a formação de uma Nação Brasileira (D'ARAÚJO, 2000, p. 11).

O estrangeiro, que anteriormente era a “esperança” da mudança do país, torna-se a barreira para o desenvolvimento, tanto cultural como econômico. A inferência política na fábrica esteve relacionada à vida pessoal de José Pappalardo: sua filha relembra quando, em 1942 ou 1943, seu pai foi preso e passou uma noite na cadeia por estar falando italiano com um membro do consulado italiano em plena praça da Alfândega.

Ah meu pai foi parar na cadeia, não lembro se foi em 1942 ou 43, o pai tava no centro, por que ele era muito conhecido por causa da música e ele encontrou com o secretário do consulado e falou em italiano convidando para tomar um cafezinho. E um cara, cara de tuberculoso, tava perto e foi parar na delegacia dos estrangeiros eles usavam um capacete vermelho, os soldados. A sorte é que quem viu ele foi Salvador Campanella<sup>19</sup>, que viu que aconteceu isso e já começou a se mexer para tirar ele de lá. (PAPPALARDO, 2015, p. 5)

Os italianos em geral não eram o cerne das perseguições políticas, mas os traumas de uma repressão são evidentes nos depoimentos de muitos imigrantes peninsulares que relataram a respeito de seu cotidiano naquele período (CHRISTOFFOLI, 2005, p. 61). E isso é acarretado com a entrada do Brasil na Segunda Guerra, posterior ao ataque ao navio Taubaté por forças alemãs. Com isso, o governo responsabilizou os imigrantes do “eixo”: italianos, alemães e japoneses foram culpabilizados pelas perdas da guerra. Existem vários relatos a respeito do medo de ter suas coisas apreendidas pelo DOPS.

---

<sup>19</sup> Salvador Campanella era um dos principais músicos da Banda Municipal de Porto Alegre, onde tocava clarinete. Também fazia apresentações nas rádios da capital, como Farroupilha e Gaúcha, além de ter integrado até meados da década de 1970 a OSPA.

Conforme o depoimento de Maria Graça Pappalardo, José passou uma noite na prisão, em 1942, e se obrigou em queimar vários itens familiares.

(...) como a gente tinha livros em italiano, a minha avó tinha um rádio, minha avó alemã a gente sempre morou junto. Ela nunca falou português, ela nunca aprende (...) o rádio estava escondido pra gente ouvir notícias da Alemanha, e tinha uma Bíblia em italiano, em papel muito bonito e o pai disse então vamos queimar tudo, que eles podem vir aqui fazer uma revisão. Ai como tínhamos uma estufa com carvão, queimamos tudo aqui, depois roubaram tudo dos alemães e italianos. (PAPPALARDO, 2015, p. 5)

O processo de nacionalização afetou diretamente as estratégias de venda da fábrica Pappalardo. Nos anos do Estado Novo, os “estrangeiros” representavam um perigo frente à ideia prevalecente de construção de uma forte identidade nacional brasileira. Zanini lembra que, nesse clima de hostilidade, os estrangeiros que estavam ascendendo socialmente incomodavam mais do que os outros. Por isto, “os italianos que habitavam nas cidades eram os mais perseguidos e quanto mais destacados socialmente, mais visados estavam” (ZANINI, 2006, p. 184). Logo, o imigrante aqui pesquisado sofre diretamente esta perseguição, e isto teve um reflexo também nas estratégias de publicidade do seu empreendimento. Se até a década de quarenta a propaganda se focou sobre os aspectos distintivos da italianidade, com a ostentação de símbolos e evocações do país de origem, agora a publicidade em folhetos cria um tom mais neutro, como veremos no capítulo seguinte.

Os setores da fábrica se dividiam em: operários, masseiros (ou técnico de massa), ajudantes, auxiliares, aprendizes, carroceiros e empacotadeira. Dentre estes, vemos um grande número de mulheres ocupando funções como auxiliares e ajudantes, mas nunca como masseiros, conforme podemos perceber na tabela a seguir.

**Tabela 3:** Distribuição das funções por gênero (1932 - 1968).

	Mulheres	Homens
Empacotadeira	8	-
Operário (a)	2	2
Auxiliar	38	27
Carroceiro	-	2
Masseiro (Téc. de Massa)	-	3
Ajudante	-	4
Aprendiz	3	-

Fonte: Elaborada pela autora.

As relações de trabalho seguiam o modelo paternalista, onde o patrão é o pai que deve proteger a todos os funcionários, identificados como os filhos (MACHADO, 1999, p. 415). Entre os imigrantes que trabalharam na fábrica aqui pesquisada há o relato de Maria Faccin, imigrante oriunda de um vilarejo chamado Ponzano Veneto, na região de Treviso. Ela saiu da Itália em 1950 e veio para Porto Alegre onde trabalhou, primeiramente, na fábrica de massas "Adria" e posteriormente como empacotadeira na fábrica de Massas "José Pappalardo".

Pode-se perceber que muitas mulheres eram empregadas como auxiliares, mas a tarefa de empacotadeira era exclusividade feminina. Como explica Fortes (2004, p. 66), ao tratar do trabalho da mulher nas indústrias gaúchas do quarto distrito da cidade de Porto Alegre, nenhuma pertencia ao grupo das especializadas:

Mesmo que mulheres permanecessem trabalhando por longos períodos em muitas indústrias, suas funções eram definidas perpetuamente como não especializadas, enquanto os homens, muitas vezes, com pouco tempo de aprendizado, eram definidos como profissionais. Essa associação entre gênero e divisão do trabalho remunerado mantinha a noção de que a mulher, por mais tempo que permanecesse no mercado de trabalho, estava apenas 'ajudando' na economia familiar com seus rendimentos, e jamais ameaçando a liderança e responsabilidade masculinas. (FORTES, 2004, p. 65 e 66)

Maria Faccin relembra quando, em 1950, a fábrica de massas passou por uma das primeiras crises e precisou demitir vários funcionários. Foi optado

por demitir mulheres casadas, que poderiam engravidar e teriam direito à licença. Estas crises iniciaram a partir da entrada de novas fábricas de massas alimentícias, que produziam em larga escala, e levaram à ruína da fábrica de massas alimentícias Pappalardo.

### 3.3 ÚLTIMOS ANOS (1950 - 1968)

Para compreendermos o processo em que a fábrica de massas aqui estudada estava inserida, é necessário verificar a evolução que as indústrias brasileiras passaram a ter a partir do pós 1929, quando uma crise internacional afetou diretamente as antigas oligarquias brasileiras, até o seu auge, durante o governo de Juscelino Kubitschek nos anos 1950.

A industrialização brasileira passou por diversas fases desde o fim das disputas oligárquicas cafeeiras no início da década de 1930. Com a quebra da bolsa de Nova York em 1929, há um declínio profundo na compra e venda de cafés, que desacelera a vinda de bens importados. Isto acaba por estimular uma industrialização brasileira focada em produzir estes bens antes importados. Já a fase que se segue cria uma expansão industrial durante a década de 1930, consequência de uma política que previa uma manutenção do preço do café, o que tornou os bens importados mais caros e favorecendo ainda mais a indústria brasileira (ALBUQUERQUE, 2015, p. 3).

Até então o Brasil teve surtos de industrialização que não se mantinham, mudança que viria com a melhor utilização do capital da estrutura cafeeira. Durante os anos posteriores são criadas as chamadas indústrias de base, como a Companhia Siderúrgica Nacional, em busca de criar matéria-prima para as indústrias nacionais, a Eletrobrás e, posteriormente, no segundo governo Vargas, a Petrobrás e o BNDE (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico), tornando o processo industrial algo efetivo.

O governo seguinte receberia um país em efervescência política após o suicídio de Vargas, mas, ao mesmo tempo, com uma indústria em pleno desenvolvimento. Com isso, Juscelino Kubitschek se dedicou ao chamado desenvolvimentismo econômico, em que priorizou o progresso das chamadas indústrias de base, que produzem bens de consumo duráveis e não duráveis, e

principalmente a substituição das importações, ainda seguindo a leva do período anterior.

Entre 1940 e 1961, a produção industrial brasileira sextuplicou e surpreendeu ao ser mais rentável que o crescimento normal mundial. Já durante o período Juscelino Kubistchek a expansão industrial suplantou as outras nações latino-americanas, sendo o foco principal a diversificação de produtos. Isso pode ser percebido, aproximando com o caso aqui estudado, com a evolução da indústria brasileira de alimentos.

Todo este progresso é reflexo direto das crises causadas por ambas guerras mundiais, dessa maneira houve uma diversificação industrial para suprir as necessidades. Apesar disso, o ramo alimentar continuou a crescer, aproveitando as novas condições. Consoante a isso, Armando Castro alude em número esta dilatação: “(...) outro elemento significativo para comprovar a expansão do ramo alimentar é a evolução do número de estabelecimentos, que passa de 14.905 em 1940 para 46,815 em 1970” (CASTRO, 1977 p. 71).

Durante a década de 1950 o grupo predominante era o de conservas de frutas, que vai perdendo o seu espaço para alimentos congelados durante a década de 1970. Já referente à fabricação de massas alimentícias e biscoitos, percebe-se particularidades deste grupo; Castro traz dados interessantes sobre a concentração de fábricas entre os anos de 1950 e 1970 no Brasil.

De 466 estabelecimentos em 1950, passa a 1.163 em 1960, reunindo apenas 676 em 1970, em que pese o crescente número de empregados que atinge 20 mil para esta última data. (...) este sub-ramo o número de empresas é seis vezes maior que em 1960 do que em 1950, enquanto duplica o número de empregados nesse mesmo período. Na década seguinte o número de empresas se reduz para  $\frac{1}{3}$ , aumentando 50% o número de empregados. (CASTRO, 1977, p. 77)

Maria Graça Pappalardo relembra que o primeiro choque veio quando a fábrica Adria surgiu. A empresa surgiu a partir da experiência de imigrantes italianos. O que sabemos é que ela foi inaugurada no início da década de 1950, reforçando o processo já citado de industrialização brasileira. Sua primeira fábrica estava no bairro São Geraldo em Porto Alegre, local conhecido como berço industrial da cidade para onde um grande número de imigrantes se dirigia, por causa da quantidade de fábricas que existiam ali. O nome da fábrica foi dado

inspirado na proximidade da região italiana de onde provinham os patrícios: o Mar Adriático.

Em sua maioria, as fábricas utilizavam as máquinas da Braibanti. Tanto a fábrica Pappalardo como a Adria e, posteriormente, a Isabela, usavam este maquinário, conforme entrevista dada por Dante Gallian Neto, superintendente da Adria, para a revista Superinteressante, que relembra a utilização deste maquinário.

A massa, mistura de farinha, ovos, água e nutrientes como betacaroteno (um metabolizador da vitamina A), cai através de um funil numa série de trafilas de bronze ou de teflon, que lhe dão o formato necessário. Os fios são então cortados por uma guilhotina e começam a atravessar um túnel enorme, com cerca de 50 metros, onde passam, sucessivamente, por banhos de vapor e de ar muito quente. Isso, além de secar lenta e naturalmente a massa, faz com que todo o amido da mistura se gelatinize em seu interior, impedindo que o macarrão venha a se desmanchar ou a grudar durante o cozimento. (NETO, 1988)

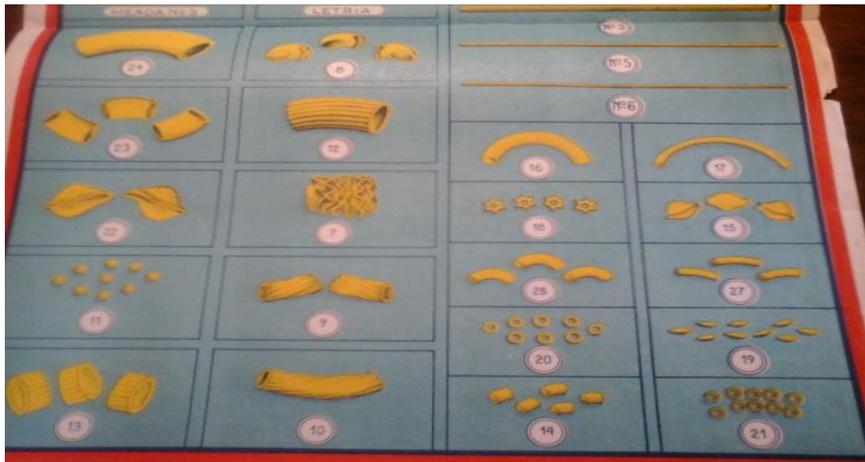
Na fábrica Pappalardo eram produzidos cerca de 30 tipos de massas alimentícias seguindo a tradição italiana. Espaguete, farfalle, fusilli, penne, rigatoni, tortiglioni, ravioli, com espinafre e sem, manicotti, conchiglie, linguine, entre outras. E eram elas o principal atrativo em seus panfletos. O sistema de compra era facilitado; não era necessário saber o tipo ou nome da massa, mas sim sua numeração.

**Figura 16: Publicidade Fábrica de Massas Alimentícias José Pappalardo.**



Fonte: Fernanda Ambiedo.

**Figura 17: Publicidade Fábrica de Massas Alimentícias José Pappalardo.**



Fonte: Fernanda Ambiedo.

A massa era feita basicamente de farinha, ovos, e água, e para adicionar cor era usada cúrcuma. Quando ocorriam mudanças de temperatura muito bruscas era necessário remodelar a massa, e isso era feito ainda em modo artesanal, como recorda Maria Graça no trecho abaixo, referindo-se aos anos 1950.

(...) a gente tinha radiadores de quando tava frio e tinha estufa lá fora pra aquecer o ambiente e quando virava o tempo muito frio ai ela quebra, as vezes misturar ela a que tava quebrada com farinha de novo e a água e também se usava, anos bem antes, ovos pra algumas mas ela não dá a cor tu faz um bolo tu põe três ovos e não usa tanta farinha, e isso não ia tanto na massa, ai tinha que usar a cúrcuma para dar a cor, mas tinha ovos também e depois da (...) fazia desidratado e quase sempre eles separam tinha a gema e a clara, ai ele usava a clara pra dar mais dureza na massa. (PAPPALARDO, 2015 p. 4)

Apesar de manterem um comércio fixo com alguns mercados e restaurantes da capital gaúcha, Maria Graça relembra que uma das diversas dificuldades enfrentadas pela fábrica era que eles só tinham um fluxo de mercadorias dentro do estado. Não utilizavam a farinha regulamentada pelo governo, mas sim a de sêmola, farinha que não completou a moagem total dos grãos, aparecendo mais escura e, por isto, mais barata.

Conforme percebemos na reportagem a seguir, do jornal Diário de Notícias de 11 de janeiro de 1946, a partir desta data na produção deveria ser “empregada exclusivamente a farinha de raspa de mandioca”, ilustrando assim o processo de controle estatal sobre a produção de alimentos.

Figura 18: Reportagem sobre Massas Alimentícias.



Fonte: Diário de Notícias, 11 de janeiro de 1946.

A crise se instaurou ao passo que novas fábricas com produção em larga escala surgiam no mercado, ou modificaram sua estrutura e o seu modo de produção. Pappalardo não acompanha este processo de investimentos e em breve não teve mais condições de manter a estrutura e os funcionários da fábrica de massas. Até isso ocorrer, uma série de mudanças foram feitas para tentar manter o funcionamento. Em 1965 é feita a transferência de parte da fábrica para sua filha Maria Graça e sua cunhada Bertha Luiza, mantendo José como gerente absoluto, onde teria pleno poder dentro da fábrica e nas discussões referentes ao futuro da fábrica, e que torna o lucro proporcional a cada investimento de cada cotista.

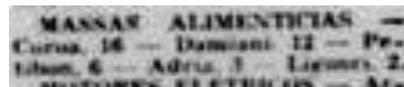
É interessante reparar a presença tímida da fábrica dentro de seu nicho; apesar de se concentrar em uma publicidade feita a partir de panfletos e cartazes, não seria suficiente. Enquanto as outras fábricas do ramo se dedicavam em propagandear seus produtos em jornais como “Correio do Povo” e “Diário de Notícias”, não vemos o mesmo empenho dos gestores da fábrica de massas Pappalardo para tal. Era preferido manter as relações já conquistadas e consolidadas do que expandir e atrair mais grupos para o seu produto.

Isso pode ser analisado a partir da Pesquisa de Preferência Popular promovida pelo jornal Diário de Notícias em 1964. No setor de massas alimentícias, as fábricas que são lembradas são aquelas que ainda hoje existem,

tal como aquelas que ainda produzem e comercializam. São reunidas empresas como Coroa, Damiani, Adria, Pretibon e Liguori. Muitas dessas surgiram no contexto gaúcho na mesma época da fábrica de José Pappalardo. Por muitos anos tanto a fábrica Damiani e Liguori competiram diretamente com a fábrica aqui estudada, porém ambas optaram mais tarde em abranger mais público.

A grande vencedora da pesquisa de preferência popular seria a Damiani, fábrica que estava há anos no mercado, com mais de 700 votantes. Escolhemos expor tal pesquisa, em uma de suas primeiras fases de votação, pois após algumas semanas temos uma retenção das escolhas. Sendo que as fábricas mais lembradas seriam Damiani, Adria e Coroa. Como se percebe na imagem abaixo de uma das primeiras fases da pesquisa, a fábrica de massas Pappalardo não é sequer lembrada.

**Figura 19: Pesquisa de preferência popular<sup>20</sup>.**



Fonte: Diário de Notícias. 11 de janeiro de 1964.

É pertinente analisar a presença de propagandas da fábrica de massa durante a década de 1950. A Pappalardo se encontra apenas em uma reportagem, dentro daqueles jornais pesquisados, com um anúncio feito no jornal “Diário de Notícias” em 1954.

---

<sup>20</sup> Transcrição do conteúdo da imagem: Massas Alimentícias – Coroa, 16 – Damiani, 12 – Petibon, 6 – Adria, 3 – Liguori, 2 Fonte: Diário de Notícias. 11 de janeiro de 1964.

Figura 20: Rancho Popular.

<b>RANCHO POPULAR</b>	
Cooperando com a campanha de barateamento do custo de vida encetada pela Secretaria Municipal de Produção e Abastecimento, a COMERCIAL GIGANTE BALZANO S/A., lança seu RANCHO POPULAR integrado somente por gêneros de 1.ª necessidade nos seus preços mínimos:	
7,1/2 Quilos arroz apulha especial, a 22,00 .....	165,00
7,1/2 Quilos açúcar granulado fino, a 17,00 .....	127,50
10 Quilos batatas de 1.ª, a 9,00 .....	90,00
3 Quilos feijão preto novo, a 22,00 .....	66,00
2 Quilos farinha de mandioca fina, a 9,00 .....	18,00
2 Quilos farinha trigo especial, a 22,50 .....	45,00
1 Quilo sal refinado em saquinhos .....	11,00
3 Quilos sabão refinado de 1.ª, a 35,00 .....	105,00
2 Quilos cebolas soltas, a 19,00 .....	38,00
4 pes. massa alimentícia PAPERARDO, sortidas .....	79,00
3 grs. Óleo Santa Rosa, e/casco, a 44,00 .....	132,00
1 qt. vinagre, e/casco .....	7,00
2 lbs. Extrato de tomate 200 grs., a 15,00 .....	30,00
2 lbs. Sardinhas nacionais, a 15,00 .....	30,00
2 pes. Esfíndores, a 12,00 .....	24,00
	<b>Cr\$ 967,50</b>
Compre seu rancho na AV. JULIO DE CASTILHOS, 37 — FONE: 40—47	
NOTA: Os preços acima vigoram somente para os ranchos populares, nas vendas avulsas serão mantidos nossos preços normais. Compare e verifique sua economia neste rancho.	

Fonte: Diário de Notícias, 1964.

A instabilidade estava instaurada, haviam problemas desde falta de dinheiro para pagar funcionários, até problemas para a produção de massas. Maria Graça com pesar relembra os últimos anos de vida do empreendimento familiar: “fábrica de massa não dá muito dinheiro, o que dá dinheiro é padaria, por que o pão cresce e a massa seca”. Isso ilustra uma discussão que uma vez existiu com os fiscais responsáveis do recolhimento de impostos, os quais não achavam compatível a saída de massas com a entrada de farinha.

Outro fator que implicou nestes problemas foi, em 1955, quando houve o aumento dos salários dos empregados na indústria, não somente de massas alimentícias, mas também de balas, biscoitos, confeitarias e padarias. O reajuste foi de cerca de 30%, e vai de encontro com o período já comentado por Maria Faccin, quando as funcionárias casadas foram demitidas.

Figura 21: Aumento de salários.



Fonte: Diário de Notícias, 1º de maio de 1955.

Nesse momento, o dom e a dedicação de José na preparação das massas não foram suficientes para suportar a pressão externa correspondente ao processo de industrialização. As novas fábricas não prezavam, muitas vezes, pela qualidade e sim pela quantidade. À tendência da indústria alimentícia, a individualidade é deixada de lado, junto às memórias e o modo de fazer tradicional artesanal, mesmo quando sabores caminham junto às identidades étnicas:

Desta forma, são alimentos dotados de sabores diferenciados, de significados e identidades únicas, para quem os produz e para quem os consome. Entretanto, ainda que seu valor seja reconhecido, os produtos tradicionais são frequentemente tratados como ilegais pelas instituições normatizadoras da produção de alimentos, estando sujeitos a constrangimentos em sua comercialização e circulação. Esses produtos estão inseridos em um ambiente institucional representado pelo arcabouço legal que rege a produção e comercialização de alimentos no Brasil. (SANTOS & MENASCHE, 2015, p. 18)

A fábrica se tornou aos poucos obsoleta, o número de funcionários caiu cada vez mais, até que em 1968 resistiu apenas um operário, que auxiliava diretamente José nos processos. Apesar dos problemas, um dos principais compradores era o restaurante Ghilosso, restaurante de italianos localizado na Praça da Alfândega, que manteve suas relações de compra com os Pappalardos até o fechamento da fábrica.

A opção de fechá-la foi uma escolha dolorida para José; ele, que havia saído da OSPA, só tinha a fábrica para se ocupar. A força de vontade não foi suficiente, nos primeiros meses de 1968 opta-se em fechar e demitir os funcionários restantes. Em alguns meses, após o fechamento, o prédio da Avenida Bento Gonçalves, 3647, é alugado para a Brigada Militar, que necessitava de um lugar para produção de alimentos. Aproveitando o maquinário, que estava em plenas condições de funcionamento, o local foi alugado com tudo que havia dentro, mantendo assim uma fábrica de massas alimentícias que serviu como subsistência à brigada.

**Figura 22: Relação das máquinas e utensílios.**

Relação das máquinas e utensílios

1 Meneghini 250 por hora com três fôrmas de teflon  
 1 Braibanti 120 por hora com 12 fôrmas de bronze e uma de teflon  
 Alimentador para as duas máquinas  
 Vácuo para as duas máquinas  
 Trabatto para a máquina Braibanti  
 2 estendedores, sendo um duplo  
 2.030 varas de madeira com duas estantes móveis  
 407 tabuleiros de 1,60X60 de tela de nylon  
 211 " " " " " arame  
 195 " " " 1,15X60 " " " "  
 4 secadores para massa comprida, completos, mais madeira para construir  
 dois secadores, também para massa comprida, com 16 carrinhos já prontos,  
 faltando a parte elétrica.  
 Sete secadores para massas talharim e cortadas, completos.  
 Seçagem completa para 3.000 quilos diários.  
 Três exaustores  
 Uma caldeira com nove radiadores  
 33 carrinhos de madeira para locomover a mercadoria  
 252 caixas de madeira entre pequenas, médias e grandes, para armazenar a  
 massa.  
 6 estrados de madeira para armazenar farinha com as seguintes dimensões:

2,68X2,35	1,24X0,91	
2,23X1,16	1,70X0,92	Capacidade de armazenamento:
1,13X0,77	1,45X0,70	500 sacos de farinha

1 balança decimal com capacidade de 150 quilos  
 5 balanças com 20 quilos de capacidade, cada uma.  
 5 mesas para empacotamento  
 7 banquetas  
 3 armários  
 6 cavaletes  
 7 prateleiras com as seguintes medidas: alt. 2,60X2,05 de largura

"	2,60X2,16	"	"
"	2,14X0,90	"	"
"	2,40X1,40	"	"
"	2,40X1,05	"	"
"	2,40X2,33	"	"
"	2,40X2,07	"	"

1 balcão com tampo de mármore  
 1 escrivaninha com cadeira giratória  
 alguns milheiros de embalagens específicas para massas, papel celofane.

Fonte: Fernanda Ambiedo

Algumas informações são interessantes referentes ao contrato de locação feito entre a Brigada Militar gaúcha e José Pappalardo. É assinalado de que todo o maquinário estava em perfeito estado, e deveria ser devolvido assim; e podiam ser feitas quaisquer alterações das instalações sem a autorização do locador. Durante dez anos a subsistência da Brigada Militar funcionou junto à

antiga fábrica Pappalardo, posteriormente são vendidos os maquinários para ferros velhos.

É válido lembrar que a opção de estabelecer uma fábrica de massas na cidade está dentro do próprio ímpeto do imigrante, que mobiliza redes e recursos étnicos. A escolha era ingressar em setores econômicos de melhor perspectiva, ou seja, aqueles não tinham uma demanda considerável (TRUZZI & NETO, 2007, p. 45).

A escolha de manter uma produção artesanal e de qualidade, beneficiando-se da técnica aprendida na infância e adolescência, acaba marcando o declínio da fábrica, que agora estava inserida em uma paisagem muito diferente dentro do contexto da industrialização brasileira.

Em conclusão, a permanência da fábrica no contexto porto-alegrense foi abalada principalmente em razão do crescimento de outras empresas no mesmo setor. Por muito tempo, porém, a estratégia foi aquela de ressaltar as características étnicas de uma fábrica “artesanal” e “italiana” como elementos que favoreceram a estabilização do empreendimento na capital gaúcha. Por isso, nas páginas que seguem, será feita uma análise mais profunda sobre a propaganda e os símbolos utilizados como emblema da genuína proveniência italiana, com uma ênfase maior sobre a origem siciliana portadora de valores e tradições, que a família Pappalardo reproduzia no país de acolhimento.

## 4. ENTRE DOIS MUNDOS: IDENTIDADE E RECURSOS ÉTNICOS

### 4.1 A IDENTIDADE ITALIANA EM PORTO ALEGRE

A italianidade no Brasil se deu muitas vezes através das reuniões em associações. Como comentado anteriormente no Rio Grande do Sul havia um número relevante destas entidades, como a Sociedade Italiana Principessa Elena di Montenegro em Porto Alegre, Sociedade Italiana di Mutuo Soccorso Beneficienza em Bagé e Sociedade Italiana de Mutuo-Socorro Principi di Napoli de Caxias do Sul. Essas associações culturais foram os locais onde nos quais era possível exteriorizar a música, os sentimentos e o idioma do imigrante, além de exibirem imagens representativas dos reis e da casa de Savóia (CHRISTOFOLLI, 2005, p. 64).

A fundação de uma sociedade italiana (...) demonstra um objetivo comum que é o de querer ser italiano, identificar-se e ser identificado como tal. Isto é possível porque é iniciativa de indivíduos que tem posição social, por vezes com destaque no comércio e nas artes, indivíduos que demonstram razoável nível cultural, desenvolvendo atividades na zona urbana onde progredem economicamente. (CONSTANTINO, 1990 p. 74)

Estas associações também serviam como fonte de auxílio ao imigrante que por motivo de doença ou impossibilidade de trabalhar. Criando um abrigo àqueles mais necessitados. (ZANINI, 2007 p. 533) Porém a identificação étnica deste grupo se torna peculiar ao olhar de muitos, eles formam um grupo coeso e unido, mas as identidades étnicas e culturais dentro da recém unificada Itália são plurais. Em sua maioria os imigrantes vindos para o Rio Grande do Sul pertenciam de regiões ao Norte como o Vêneto e Piemonte, tal como ao Sul como Calábria e Sicília. O processo de construção desta “italianidade” caminha junto a construção da “identidade étnica”, como relembra Bao (2015) nos núcleos de imigrantes a construção se dá por meio da promoção de ações dentro da comunidade.

Entre as ações sociais historicamente voltadas para a promoção e consagração de uma “italianidade” temos as associações étnicas de italianos, as escolas italianas (como a Dante Alighieri), os jornais italianófilos, a igreja católica – sobretudo os franciscanos – e o consulado italiano no Brasil. São todas elas tentativas mais ou menos organizadas de promover o engendramento de uma “italianidade” no Brasil, com maior ênfase no sul do país. Por meio dessas ações criou-se a representação de que à italianidade corresponderia determinado conjunto de valores, usos, costumes e práticas específicas atribuídas a certa população com características socioculturais em comum, isto é, aqueles que podem ser considerados como italianos ou descendentes por nascimento (*jus soli*) ou sangue (*jus sanguinis*). Acontece que esses grupos amiúde não são homogêneos como quer o discurso sobre eles, como é o caso dos imigrantes italianos e sua prole no Brasil. (BAO, 2015 p. 3)

Um exemplo dessa consagração da italianidade pode ser verificado a partir do caso de Porto Alegre onde é encontrada uma coesão étnica muito forte de calabreses com lembra Núncia Constantino (1990)

As peculiaridades do grupo deveriam desaparecer como aconteceu com outros grupos de imigrantes meridionais, especialmente sicilianos e napolitanos, em razoável número na cidade. Mas os italianos de Morano Calabro apresentam resistência à perda de identidade, mantêm identidade étnica, permanecem identificados e se identificam como moraneses até os nossos dias, formando com seus descendentes um grande grupo maciçamente posicionado nas classes intermediárias. (CONSTANTINO, 1990 p. 309)

Os moraneses se reuniram em uma sociedade chamada *Moranesi Uniti* em 1924, apesar de não ter tido uma vida longa aponta a pretensão em se unir e permanecer com a memória e a cultura moranesa viva (CONEDERA, 2013 p. 136). Outro sinal dessa permanência é o uso dialetal calabrês dentro do grupo que seguiu em Porto Alegre com poucas alterações, se tornando símbolo de resistência étnica.

Já o grupo de sicilianos no qual José Pappalardo estava inserido não manteve sua identidade do mesmo modo que os moraneses. Muitos, como veremos continuaram praticando e seguindo certos elementos referente a terra de origem, porém não há uma formação grupal. Segundo Conedera (2013 p.137) o fator que influenciou a não construção identitária dos sicilianos é o restrito número de imigrantes procedentes da Sicília e radicados em Porto Alegre. Outro está no fato de que àqueles patrícios que alcançaram fortuna se afastaram dos seus conterrâneos, e assim de sua origem, diferentemente dos moraneses que

permaneceram unidos facilitando as redes de reciprocidade e auxílio aos que um dia viriam emigrar.

Com isso não existiu a organização de uma associação ou de ambientes que pudessem realizar a integração entre sicilianos moradores da cidade. Mesmo diante dos fatores elencados o nosso personagem estava envolvido diretamente a italianos, mais especificamente, aos sicilianos que com ele compunham o quadro de integrantes da Banda Municipal de Porto Alegre. Esta considerada um órgão associativo de imigrantes italianos mesmo que não houvesse uma nomeação específica e não fosse organizada como tal, ela existia de fato. Isso traz a reflexão de Luzivotto (2009, p. 29) que observa que necessariamente não precisa haver uma associação para que haja uma identificação.

Quando se pensa na possibilidade de identificação étnica, corre-se o risco de buscar grupos culturais fechados e estáticos, de buscar uma filiação, um nome, um recorte geográfico. No entanto, a questão não é tão simples. Mesmo que os registros históricos fornecessem as pistas necessárias para esse tipo de identificação, ou de qualquer outra natureza de fonte acadêmica, esses dados não teriam, por si sós, autoridade para desenhar um mapa deste percurso, na medida em que os grupos humanos e a construção da identidade étnica são extremamente dinâmicos e flexíveis.

A Banda Municipal de Porto Alegre era simbolicamente o local que agregava um número significativo de patrícios, muitos destes sicilianos. Entre eles o maestro José Leonardi, José Corsi, José Pappalardo, Eugenio Bonocore, José Pappa, Salvador Campanella integrantes da Banda faziam desta um local de rememoração de sua identidade, como recorda Leonardo Conedera

No caso dos músicos italianos – que integraram a Banda Municipal de Porto Alegre – esses possuíam no exercício da sua prática profissional, inevitavelmente, uma relação cotidiana com elementos vinculados à terra natal, pois através dos programas executados semanalmente sempre tocavam composições ligadas à Itália. Isto é, os artistas tocavam Giuseppe Verdi, Arrigo Boito, Giacchino Rossini, Vincenzo Bellini, Gaetano Donizetti, Francesco Cilea, entre outros compositores que não apenas expressavam sons comuns aos ouvidos peninsulares, como também letras que remetiam à língua e à cultura italiana, que se expandiram por todo o globo através das inúmeras obras produzidas pelos compositores originários da Península. (CONEDERA, 2017, p. 224)

É fundamental pensar na identidade étnica como algo mutável entendendo que há um dinamismo entre a cultura e a etnicidade. O grupo não continuará com os mesmos aspectos culturais permanentemente, principalmente quando se aproxima de uma cultura diversa. Em consequência de fatores externos ou internos estes aspectos se transformam com o passar do tempo (LUVIZOTTO, 2009 p. 33). Isso pode ser apurado com a lembrança de Paulo Leonardi Paranhos, descendente do maestro José Leonardi, em entrevista que lembrou que Pappalardo certa vez ressaltou que ao invés de executarem canções de músicos italianos, como Corelli e Vivaldi, só tocavam Bach. “A verdadeira música era a italiana, isso ressaltava a predileção de muitos dos músicos da Banda Municipal em trabalhar e lidar com os trabalhos da terra natal” (CONEDERA, 2017 p. 226).

Como Regina Weber (2006, p. 237) sugere de que imigrantes de uma mesma nacionalidade sempre serão mescladas por distinções culturais internas, se distanciando de uma ideia de “origem comum”, para o estudo destas características étnicas Weber resalta a importância de aproximar diversos campos, como antropologia e história,

Aproximar o campo dos estudos de imigração à temática da etnicidade significa incorporar, às análises que operam com demografia, processos históricos mais amplos, transformações econômicas e políticas e descrições de costumes, outras que lidam com processos que não são mensuráveis e cujos resultados pouco se prestam à enumeração, isto é, cujo objeto é cambiante e sem contornos definidos, estando sujeito a reelaborações conforme as circunstâncias, mas que, mesmo assim, possui uma dimensão sincrônica. (WEBER, 2006 p. 237)

É curioso o fato de que os imigrantes italianos quando deixavam a Itália não eram italianos, mas sim venezianos, napolitanos, sicilianos, moraneses, e etc só se tornam italianos ao chegar na América, por isso é necessário ao analisar os aspectos culturais e étnicos na cidade de Porto Alegre separando-os por *paese* (SCHMIDT, 2015 p. 68). Antes de discorrermos sobre a identidade coletiva italiana, é pertinente verificar a definição que Anthony Smith dá para a identidade individual, resultado de uma dicotomia entre individual e coletiva.

A individualidade apresenta múltiplos papéis, e assim identidades. Ele divide em certas categorias fundamentais para formar esta identidade seriam: família, étnico, religião, gênero sexual, classe social, espaço e território, que se baseiam em classificações sociais e podem ser modificadas e/ou abolidas. (SMITH, 1997 p. 22)

Portanto, é fundamental pensar que apesar desta classificação de categorias para a formação de identidades, é preciso refletir que a existência de uma identidade coletiva presume uma união de elementos que também separa estes imigrantes.

A identidade coletiva pressupõe um consenso entre os elementos que os unem e os que os separam. São europeus e, por isso, são tratados como tais. Essa identidade os une e os separa dos demais habitantes. Nesse cenário, é possível afirmar que os membros de uma cultura utilizam seus conteúdos para interagir, explicar, justificar e manter sua consciência coletiva. (HERÉDIA, 2005 p. 241)

Porém, a identidade étnica italiana, segundo Brum (2003, p. 68), se torna existente quando se parte. O sentimento de pertencimento virá somente após a unificação italiana e também, somente após a chegada ao Brasil. Apesar disso muitos estrangeiros ou descendentes de 2º e 3º geração se organizam em dois moldes, ou abraçam a cultura brasileira, querendo assim construir uma brasilidade e não priorizam o pertencimento étnico, ou frequentam sociedades para somente interagir com aspectos da italianidade. Há também os casos chamados de híbridos, que transitam entre os espaços desde os ecléticos como os mais fervorosamente étnicos Brum (2003 p.206). Os elementos que permeiam os imigrantes e o seu sentimento com o local de origem se apresentam em diversos signos como a música e alimentação, conforme declara Conedera

A música para os imigrantes peninsulares – assim como a alimentação (aos moldes italianos da sua cidade de origem) – constituía-se em elemento que integrava e auxiliava nos momentos de dificuldade e nostalgia que os imigrantes sentiam da sua terra de origem. Então, não apenas a música, como os instrumentos musicais (o acordeom, o violino, a flauta, o bandolim, entre outros) tornava-se objeto de necessidade que se revestia em um signo de identidade e pertencimento étnico. (CONEDERA, 2017 p. 145)

Convém enfatizar que a etnicidade serviu como o modo de inserção econômica nas cidades para alguns empreendedores. Os chamados recursos étnicos podem ser a técnica aplicada, os símbolos, o modo de viver, tal como também as relações e estratégias concebidas como redes de contato (SCHNEIDER, 2015 p. 89). Logo, os recursos étnicos utilizados pelos indivíduos

se referem as condições socioculturais e demográficos de um mesmo grupo (Idem, p. 35).

Por conseguinte, a utilização de recursos étnicos surge como uma forma de resistência e inserção dentro da nova sociedade. No caso estudado o recurso étnico utilizado é o saber fazer a massa alimentícia com a técnica e os conhecimentos da terra de origem. A alimentação é estabelecida como produto de uma memória coletiva, logo utilizá-la como recurso étnico estabelece uma união entre as novas vivências e memórias familiares ou à terra de origem (FRIEDRICH e SOARES, 2014 p. 649).

Os hábitos alimentares de um grupo são a expressão da cultura, e a exteriorização destes podem ser encontradas principalmente em cozinhas que se dedicam a produção de “sabores” e “odores” étnicos, que evocam da memória uma estimulação da imaginação e assim sentimentos profundos (OLIVEIRA, 2006 p. 47). É importante ressaltar que a comida é um dos últimos elementos a se desnacionalizar, os imigrantes podem abandonar todas as tradições, mas a alimentação permanece adaptando-se às novas condições (FRIEDRICH e SOARES, 2014 p. 648). Por isso utilizar a fabricação de massas como meio de sustento é uma forma de manutenção e reinterpretação no novo território que serve para identificar os pares e ressaltar as diferenças entre os grupos, tornando a comida um agente social que se vincula com a identidade étnica de um grupo (Idem, p. 649).

A incorporação no meio urbano de estabelecimentos dirigidos por italianos no Brasil modificou os costumes e hábitos que geraram uma adesão muito forte de modas “criadas” pelos imigrantes, tanto assim que o uso de vestidos lombardos ou chapéus florentinos produzidos por alfaiates italianos, criando um “status” sobre o uso destes produtos (CONSTANTINO, 2000, p.81).

A autora conclui:

O papel esperado do imigrante é o de agente de mudanças, o introdutor da novidade. Nas cidades brasileiras, em algumas mais em outras menos, proprietários de hotéis, cafés, cabarés, cinemas, confeitarias e restaurantes foram italianos. Introduziram, inclusive, novas hábitos alimentares, divulgando sopas, massas, pizzas, queijos e salames para a mesa dos brasileiros. (CONSTANTINO, 2000 p. 81)

Portanto, não apenas a comida é a forma de ingresso num setor industrial, mas também os métodos de propaganda utilizados para divulgar os seus produtos. A fábrica de massas alimentícias José Pappalardo esteve inserida desde seus primeiros anos num movimento de repressão e controle nas manifestações culturais dos imigrantes. Desse modo optou por formas sutis de divulgar sua fábrica utilizando apenas o símbolo de sua terra natal, a Sicília para atrair diversos compradores/consumidores.

### 3.2 AS PROPAGANDAS COMO AFIRMAÇÃO DE UMA ETNICIDADE

O elemento étnico se encontra mesclado com o espírito de empreendedorismo existente nos nichos imigrantistas, era necessário arrumar meios para sobreviver. Nesse sentido o imigrante identificava uma oportunidade e criava algo inovador sob condições de incertezas, assumindo os riscos aí envolvidos (JONATAN; SILVA; 2007, p.77). José Pappalardo, como verificado capítulo anterior, após entrar na Banda Municipal de Porto Alegre optou por empreender para incrementar sua renda. Pappalardo esteve inserido em uma tipologia de empreendimento, que seja pela estrutura social, interação ou mecanismos, se torna étnico ao estabelecer relações entre os atores sociais, sendo estes pertencentes ou não ao grupo apercebido. (SCHMIDT, 2015 p. 34).

O conceito de “italianidade” remete a dois obstáculos dentro de sua definição, o primeiro é a relações com a construção do Estado - Nação Italiano que penetrou os mitos construídos no início do século XX resultando no Estado Fascista que, engrandeciam a antiga Itália. Já o segundo é o chamado paradigma multicultural que constrói hoje uma diluição da cultura a favor de um cosmopolitismo advindo da globalização (BECHELLONI, 2007 p. 114).

Os aspectos desta italianidade estavam inseridos nas propagandas da fábrica de massas como um meio de atrair compradores sicilianos, assim era utilizado o símbolo da trinácria, ou *triscele*, etimologicamente significa “*Che ha tre gambe*” ou “que tem três pernas”. Este signo é uma figura constituída por três pernas dobradas na mesma direção, em movimento circular, no centro se encontra uma cabeça feminina ou górgona. Ele surgiu em moedas entre os séculos VI e V A.C. e neste momento era entendido como um símbolo do sol, da

lua e do seu movimento aparente, estas moedas eram encontradas em Milo e confederação Licia, já no território italiano são encontradas em Metaponto e Nápoles.

Outro possível surgimento deste símbolo está na ligação com a ida de gregos ao que hoje é a Sicília, e que ao ver as três “pontas” que existem na ilha criaram o mito da trinácia, nomenclatura dada à ilha neste período. Além da figura da górgona, ou Medusa, ao centro existem ramificações de duas asas que aludiam o passar do tempo e espigas de milho que representavam a fertilidade já que no período da antiguidade romana, a Sicília era considerada o “celeiro” do império. Mesmo com a mudança de nome da ilha para Sicília, a trinacria não deixou de simbolizar a terra e o seu povo, por isso ilustram até hoje a bandeira siciliana.

**Figura 23: Bandeira da Sicília**



(google.com)

A representação foi encontrada nos anúncios da fábrica de Massas de José Pappalardo desde as primeiras décadas de funcionamento, ou seja, entre os anos 1930 e 1940. O uso da referida imagem era comum nas residências dos sicilianos sendo empregada na proteção contra “mau agouro”. A imagem também foi utilizada como um método de identificação entre um grupo que pode ser entendido como parte de um imaginário coletivo. Este imaginário se forma

como um sistema de representações coletivas, muitas vezes formadas por uma construção social e histórica, mas é importante frisar que

O imaginário é composto de um fio terra, que remete às coisas, prosaicas ou não, do cotidiano da vida dos homens, mas comporta também utopias e elaborações mentais que figuram ou pensam sobre coisas que, concretamente, não existem. Há um lado do imaginário que se reporta à vida, mas outro que se remete ao sonho, e ambos os lados são construtores do que chamamos de real. (PESAVENTO, 2012 p. 43)

O uso deste elemento étnico serviu para que, de modo silencioso atraísse os pertencentes de um mesmo grupo, ou seja, os sicilianos. Na fábrica este elemento aparece a partir das propagandas que durante os primeiros 15 anos de fábrica estiveram em circulação em Porto Alegre. Este elemento se constrói a partir do sentimento otimista que agrega as pessoas em torno de características ou símbolos valorizados que produzem um reconhecimento social aos seus possuidores (PESAVENTO, 2012, p. 91). Logo, a utilização da trinácia implica, não apenas, o uso do imaginário e da identidade de seu grupo de origem, mas também se configura um meio de adaptação e reconhecimento social.

Assumir uma identidade implica encontrar gratificação com esse endosso. A identidade deve apresentar um capital simbólico de valorização positiva, deve atrair a adesão, ir ao encontro das necessidades mais intrínsecas do ser humano de adaptar-se e ser reconhecido socialmente. Mais do que isso, a identidade responde, também, a uma necessidade de acreditar em algo positivo e a que o indivíduo possa se considerar como pertencente. Enquanto construção imaginária de sentido, as identidades fornecem como que uma compensação simbólica a perdas reais da vida. Identidades gloriosas confortam e suprem carências na vida social e material, por exemplo. (PESAVENTO, 2012 p. 91)

Por trás do uso da trinácia, além de uma interação entre identidade e representação, há uma expectativa de garantir uma distinção dentro do grupo étnico (SILVA, 2006 p. 234). Os grupos étnicos mantêm a crença na etnicidade não apenas a partir da sua procedência, mas também nos seus costumes. Muitas vezes há a aparência de que toda a experiência da vida anterior do imigrante é revivida no outro país e, é nesse momento que aspectos da cultura tomam força e são rememorados (WEBER apud SCHMIDT, 2015 p. 101). Isso

ocorre através da criação de mecanismos de “homenagem” de seu imaginário por imigrantes seja por discursos ou representações. (BAO, 2016, p. 211)

Como o autor (2016) define:

“Utilizam recursos diversos para garantir para si o poder de definição da identidade predominante e, logo, de modelos ideais de “ser-no-mundo” em dado tempo-espaço, apropriando-se dos poderes de incluir/excluir, demarcar fronteiras, classificar e normalizar (Tadeu, 2014, p. 81). As identidades estão relacionadas aos âmbitos socioeconômico, cultural e psíquico, isto é, “a construção da identidade é tanto simbólica quanto material (Woodward, 2014, p. 10).” (BAO, 2016 p. 211)

Havia, no entanto o interesse econômico por trás do interesse cultural e o uso da figura servia como atrativo para outros sicilianos consumirem produtos a fábrica de massas. O período do uso dessa publicidade em panfletos e cartazes refletiu um simbolismo silencioso durante o Estado Novo. Com a entrada do Brasil na 2ª Guerra Mundial, os italianos e alemães fixados no território brasileiro se tornaram os “inimigos”, e receberam uma repressão firme de órgãos governamentais. Para inibir, ou melhor, impossibilitar a identificação de estabelecimentos os empreendedores começaram a utilizar o símbolo da fábrica nos anúncios que traziam. A ideia de uma associação dos empreendimentos à Alemanha e à Itália era frequentemente alvo de uma repressão tanto policial como social. Em contraponto, Janine Collaço (2009) lembra que mesmo em território italiano a música e a alimentação foram deixadas de lado durante o período da Segunda Guerra, tal como desapareceu o ímpeto de rememorar a sua *italianità* aqui no Brasil.

Comida, músicas, costumes se retiraram do espaço público e a cidade italiana do começo século que muito espantava os viajantes que ali circulavam vai perdendo esse colorido multicultural antes exposto a olho nu. A 2ª Guerra colocou por terra qualquer ímpeto cultural italiano e deixou o País à beira de uma catástrofe que nos anos seguintes estimulou à emigração de novos grupos de italianos, facilitadas pelas políticas italianas depois de 1947. Contudo, o fluxo não foi retomado com a mesma intensidade, mesmo porque se fazia necessário nesse momento atender a uma imposição do governo brasileiro que passou a exigir dos italianos um contrato de trabalho ou uma carta de chamada. Nesta, parentes locais se responsabilizavam pelo novo imigrante se eventualmente precisasse ser sustentado nos primeiros tempos, fato comum uma vez que muitas famílias mantinham contato com seus parentes. (COLLAÇO, 2009 p. 81)

Logo, usar o símbolo da trinácria, que normalmente não é um símbolo conhecido da maioria de brasileiros, surge como uma forma de escape a essa repressão étnica e social.

**Figura 24: Publicidade da Fábrica de Massas José Pappalardo**



Autor: Fernanda Ambiedo

A empresa Pappalardo se insere no hall das empresas familiares ou paternalistas que se baseiam em forças externas como família, comunidade local, lealdade e a submissão aos valores. Desse modo lança mão das imagens de signos culturais da região de procedência que são usadas levando em conta, não apenas a etnicidade mas também a economia atraindo grupos para o consumo. Esta forma de atração deriva-se da propaganda étnica que surgiu no início do século XX quando o discurso da etnicidade se tornava o meio de conquistar público, como vemos no romance histórico de Pietro Azzi, analisado por Antonio de Ruggiero (2018). O texto narra as memórias de um conterrâneo, chamado Pietro Impallomeni, que migra para o Rio Grande do Sul no final do século XIX, primeiramente em Conde d'Eu, uma colônia italiana ao norte do estado e depois transfere-se para a capital Porto Alegre.

Quando descreve a capital gaúcha, chama a atenção por enfatizar os comércios de seus conterrâneos *lucchesi*, que utilizavam sua origem como meio de *marketing* para seus produtos. De Ruggiero chama também a atenção para o mote *Al buon vino italiano*, utilizado pelos donos de uma taberna em Conde d'Eu para a venda do que consideravam um vinho originalmente italiano chamado, apesar de se tratar de um vinho produzido com a local uva Isabel, de *fragola* pelo gosto adocicado. No texto os donos da taberna demonstram que fazer a propaganda expondo oralmente as qualidades do vinho é uma forma de atração de consumidores peninsulares. Tal abordagem se torna comum entre o grupo até meados da década de 1920, quando há uma nova geração de empreendedores que, em sua maioria, pertence a segunda geração de imigrantes. A nova geração abandona os recursos de rememorar a sua origem imigrante e opta por se introduzir nas propagandas sem referenciar à Itália. Outra forte implicação nessa mudança é negação aos antecedentes culturais e históricos da segunda geração de imigrantes que culmina nas medidas políticas do governo brasileiro.

Conforme a autora retrata:

Essa rejeição pública aos imigrantes teve um efeito inesperado, especialmente entre os primeiros imigrantes italianos, uma vez que estes não eliminaram aspectos tidos como propriamente de sua etnia e ainda os fortaleceram dentro de suas casas. Nesse sentido, as concentrações de imigrantes em determinadas regiões da cidade tornou-se um problema, uma vez que facilitaria a expressão de uma nacionalidade distinta e não foram poucas as reprimendas, inclusive com a proibição das comemorações festivas ligadas aos santos, único período em que não foram realizadas, como lembrou Ângelo Luisi. Houve, assim, um fortalecimento no mundo doméstico de elementos étnicos considerados importantes, bem menos visíveis publicamente e menos ainda entre as novas gerações. (COLLAÇO, 2009 p. 84)

O fortalecimento destes traços dentro das casas evoca novamente o uso da trinácria na frente da residência dos Pappalardo, fato repudiado por sua filha que após uma reforma mandou retirar o símbolo dos sicilianos. Segundo a mesma não havia motivos para permanência daquele símbolo na sua casa. Isto também se reflete nas propagandas encontradas a partir da década de 1950, quando Maria Graça assume parte da administração da fábrica e manda retirar o símbolo da propaganda.

Figura 25: Propaganda Massas Pappalardo - Década de 1950



A retirada dos símbolos das propagandas foi o caminho comum de muitas empresas que abandonam a sua caracterização étnica conforme ocorria a passagem de direção do negócio para os filhos.

“Era o momento em que as segundas gerações já se adaptavam ao ambiente local e muitas vezes chegavam a esconder parte de suas origens e embora alvos de políticas fascistas com intuito de recuperar a cultura italiana. Nesse sentido, “ser italiano” ainda não consistia em uma imagem coesa, já que os fragmentos regionais ainda persistiam, especialmente entre as gerações mais velhas, ressaltando um caráter belicoso de distintos grupos.” (COLLAÇO, 2015 p. 78)

Nesse período a italianidade apresentava mais uma atitude fervorosa, mas sim uma negação da motivação de divulgar a sua identidade. Porém, a partir da década de 1980 temos a volta da italianidade ao palco principal entre os grupos de descendentes, revelar que se tem origem imigrante ganha o “glamour” da origem europeia familiar (BAO, 2015 p. 215).

### 3.3 O TRANSNACIONALISMO COMO ALICERCE DE UMA IMIGRAÇÃO

Quando analisamos trajetórias como a de José Pappalardo, nos deparamos com o transnacionalismo, que hoje tem recebido a devida atenção das ciências auxiliares à história: antropologia e sociologia. Utilizaremos uma de suas muitas definições, como já comentamos em capítulo anterior, que é o

processo em que o migrante constrói uma série de ações que constitui uma ponte entre o país de original e o de chegada.

Em Porto Alegre encontramos o cenário para a realização das ações transnacionais. Uma cidade na qual no início do século XX era considerada cosmopolita, especialmente por receber um alto número de migrantes, tornou-se o terreno para o estrangeiro aplicar seus modos de vida e assim, seus conhecimentos prévios. Percebe-se as possibilidades de haver comunidades transnacionais a partir do encontro entre os cidadãos, que elucidam as necessidades de um grupo, no caso os italianos, de procurarem seus conterrâneos para exprimir noções de sua nacionalidade e suas necessidades transnacionais

As comunidades transnacionais podem ser definidas como

As comunidades transnacionais se fundamentam em novas formas simbólicas, instituídas a partir da justaposição de símbolos locais e globais. Produzem novos significados e relações, distintos dos padrões simbólicos anteriores que identificavam e sobrepunham uma fronteira cultural a uma fronteira lingüística e nacional, por exemplo. (REZENDE, 2000, p. 166)

Seja a massa ou a música, ambos servem como artifícios de rememoração da terra natal. Atualizam-se os produtos, incorporam-se novos elementos, mas a técnica permanece. Ao pensarmos a evolução dos hábitos alimentares juntamente ao êxodo peninsular, percebemos que a mudança se deu no contexto interno e externo, nesse sentido Oliveira (2006) relembra a ruptura ocorrida.

[...] efeitos revolucionários nos hábitos alimentares italianos, na medida em que colocou 'em crise a rigidez da demarcação entre regimes culinários das diversas classes sociais'. Por exemplo, sabe-se que o tomate, ingrediente básico de muitos pratos italianos, começou a ser divulgado na península somente no final do século XVIII, e a prática de preparar o macarrão associado ao molho e tomate surgiu por volta de 1830. (OLIVEIRA, 2006 p. 49)

Estes hábitos se diferenciavam entre as origens dos migrantes, Oliveira (2006) ilustra as referidas práticas com as regiões da Itália e seus "principais" pratos: Macarrão e Pizza (Nápoles), risoto (Milão), polenta e minestra (Vêneto), e o elemento comum a todos: o vinho. Levando em conta as transformações nos hábitos alimentares pretendemos analisar o transnacionalismo no grupo

migratório, neste caso, é necessário rever os aspectos em que este termo se adapta e se transforma. As identidades são múltiplas, e cada sujeito tem um modo de expressá-la, principalmente quando estamos tratando hábitos alimentares.

Porque as identidades, além de serem mutáveis no tempo, são múltiplas: o fato de que eu seja cidadão do mundo não me impede de ser cidadão europeu, cidadão italiano, e cidadão da minha cidade, e cidadão da minha família, e assim por diante, multiplicando. Cada uma dessas identidades tem sua forma particular de expressão alimentar, que, apesar das aparências, não se contrapõe às outras, mas convive com elas. (MONTANARI, 2013 p.153)

O fato é: seja na música ou na massa o italiano aqui pesquisado se apoiou na sua italianidade vivendo momentos ou processos que são produzidos a partir das diferenças culturais. Foram estes momentos que forneceram o terreno para elaboração de novas estratégias que deram início ao surgimento de signos de identidade, além de trazerem inovação cultural.

A identidade cultural revela-se muitas vezes com a gastronomia, que participa como parte de uma memória coletiva e assim, representativa de um grupo que tem traços culturais comuns. Além disso o conhecimento de técnicas e produção de alimentos permitiu uma mais fácil inserção neste setor nos principais contextos urbanos também do Rio Grande do Sul. Os italianos em particular, aproveitaram a riqueza e variedade culinária para defender e ao mesmo tempo promover o próprio modelo gastronômico nos países onde se inseriram.

Assim as escolhas feitas por José Pappalardo ao emigrar permitiram que se localiza em uma sociedade diversa daquela de origem, porém seus traços culturais e históricos não se apagam pela distância, embora muitas vezes ao chegar nessa sociedade diversa o choque cultural evidencia seus traços originais, traduzindo uma ligação transnacional.

(...) concepção predominantemente espacial ou territorial. Segundo este ponto de vista as nações devem possuir territórios compactos e bem definidos. Povo e território devem pertencer um ao outro (...) É, e deve ser, a terra 'histórica', a 'terra natal', o 'berço' do nosso povo, mesmo nos locais onde, como os Turcos, não seja a terra de origem última. (SMITH, 1997 p. 23)

E a partir disso que utilizando artifícios possibilitaram a ele uma inserção neste entre-lugar,

O que é teoricamente inovador e politicamente crucial é a necessidade de passar além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais e de focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais. Esses 'entre-lugares' fornecem o terreno para elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva- que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e (...) no ato de definir a própria ideia de sociedade. (BHABHA, 2005 p. 20)

Este entre-lugar que os imigrantes se encontram proporcionou a eles, principalmente com o avanço da globalização, se tornarem um sujeito transnacional. O transnacionalismo surge junto ao movimento de migração, no momento em que é necessário se adaptar a um novo local, muitas vezes utiliza-se o conhecimento que traz consigo. Sendo assim, o nosso personagem pesquisado se apoiou primeiramente na música como “ponte” entre o cá, e o lá. E em um segundo momento se apoiou na alimentação.

O que chamamos de cultura coloca-se no ponto de intersecção entre tradição e inovação. É tradição porque é constituída pelos saberes, pelas técnicas, pelos valores que nos são transmitidos. É inovação porque aqueles saberes, aquelas técnicas, e aqueles valores modificam a posição do homem no contexto ambiental, tornando-o capaz de experimentar novas realidades. Inovação bem-sucedida: Assim poderíamos definir tradição. A cultura é a interface entre as duas perspectivas. (MONTANARI, 2013 p. 27)

Tendo em vista essa afirmação é possível analisar que a italianidade, e assim a cultura apresentará sempre inovação, logo a identidade do pesquisado se é incrementada com a tradição e a inovação, o tornando assim possuidor de aspectos transnacionais. E é a partir da alimentação onde esses aspectos se apresentam de modo mais expressivo. Teóricos da alimentação já a retratam como a principal forma de inserção a um grupo, principalmente quando falamos de imigração. Ambrosini (2009) chama a atenção para o produto étnico em empresas transnacionais,

*(...) oggetti di consumo etnico/culturale, che per il ruolo di veicoli di conoscenza delle culture d'origine. I prodotti oggetto delle imprese transnazionali prevalentemente diretti alle comunità immigrate riguardano in larga parte beni di consumo alimentare, di cui scarso, costoso o difficile sai il reperimento in Italia e per cui necessaria o comunque conveniente si delinei l'attività di importazione.* (AMBROSINI, 2009 p. 82)

A alimentação se torna um objeto transnacional, era comum verificar a preferência de muitos em produzir e buscar aqueles elementos provenientes ou feitos da mesma maneira que o seu país de origem, isso culmina em um processo na construção de memórias coletivas de grupos étnicos (SANTOS e ZANINI, 2008 p. 242). Essas memórias coletivas são mutáveis, fluídas e submetidas a constantes influências, tal como os hábitos alimentares de imigrantes que quando entram em contato com uma nova cultura podem se transformar (POLLAK, 1992 p. 201).

Afinal, o que se observa nestes grupos é um processo contínuo de reinvenção de suas tradições, e modos de ser e estilos de vida envolvidos, também em sua posição enquanto consumidores. (FEATHERSTONE apud SANTOS e ZANINI, 2008 p 259)

Logo, o alimento se transforma um objeto transnacional pois a procura dele abre as possibilidades de existir um comércio ou mercado que explora essa tipologia de alimentos, na maioria das vezes empreendimentos de conterrâneos. Nesse caso, o modo de fazer permanece, porém ao contato acaba se criando uma experiência nova e assim há a adaptação do alimento, principalmente a partir das influências externas que ocorrem especialmente no contato com o “novo mundo”,

A comida adentra este cenário como um importante elemento de diálogo com o Novo Mundo e suas novidades: as frutas diferentes, a mandioca, o feijão preto, o charque, as carnes de um modo geral, entre outros. De certa forma, este diálogo com a comida é uma fonte muito interessante para se observar o quanto as coletividades ressignificam o que seja “tradicional” ou não e como as comidas, ao adquirirem significações e estarem incorporadas nas “estruturas de significado”, podem se tornar parte de seu mundo. Alguns elementos e ingredientes novos encontrados na terra hospedeira passam por filtros e acabam por serem introduzidas em receitas culinárias tidas como típicas que podem ser transformadas desde que por pessoas legitimadas para isso, como as nonnas, por exemplo. (SANTOS e ZANINI, 2008 p. 262)

Esta característica ganha espaço especialmente quando falamos do contexto agrícola da imigração para o estado gaúcho, onde é possível criar-se e reproduzir-se alimentos com sementes, animais e principalmente com a técnica. Como referido no primeiro capítulo, esse hibridismo culinário está presente desde os primeiros migrantes que encontram aqui novos alimentos e precisam

se atualizar. Já dentro das famílias “coloniais” a rotina dos familiares em torno da comida envolvia a todos,

Esta era, enfim, a rotina dos descendentes de italianos na produção da comida, que envolvia a família como um todo, numa organização de trabalho orientada pelos pais, particularmente o pai, que decidia qual atividade cada filho deveria realizar. Como salientei, fosse na zona urbana ou rural, produzir sua comida, plantar, colher e conhecer a procedência do alimento era algo muito valorizado. (SANTOS e ZANINI, 2008 p. 272)

Outro exemplo que se dá de alimentos transnacional, o verdadeiro *made in Italy* no caso, é o caso dos alimentos que entraram nas zonas rurais sem precisar passar pela burocracia de alfândegas e casas de despacho (De Ruggiero, 2018 p. 126).

(...) transportavam dentro das próprias malas nas travessias transoceânicas os brotos das vinhas italianas conservados até mesmo dentro das batatas para manter o grau de umidade necessário para conservá-los e planta-los nas novas terras. Na verdade, a assim chamada Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul foi marcada desde o início do século XIX por experimentos precursores no plantio de vinhas italianas, que se intensificaram com a chegada das primeiras levas de imigrantes protagonistas do processo de colonização (...). (DE RUGGIERO, 2018 p. 127)

Logo o contexto urbano encontrou o processo transnacional nos hábitos alimentares na venda, revenda, e produção de alimentos de tipo italiano, que remonta uma forte herança cultural entre imigrantes. Eram os mais diversos ambientes que relembavam a cultura migrante dentro da cidade, não apenas na capital gaúcha. Associações, festas, cafés, restaurantes, hotéis, pertencentes a imigrantes se tornaram um local para a rememoração da identidade.

A fábrica de massas alimentícias José Pappalardo se tornou parte desse processo ao passo de que produziu, conforme a técnica, a titulação das massas que rememoraram à Itália, abraçou os produtos utilizados que eram brasileiros. Essa rememoração à Itália muitas vezes feita a partir dos símbolos em seus anúncios, ou até o próprio jeito de chamá-los (farfalle, rigatoni, penne etc) demonstrou como alimentação se tornou a ponte entre o país de origem e o de chegada. A gastronomia tornou-se parte de uma dimensão cultural, que apesar de mutável, não perde as conexões com o grupo social de origem.

Este sujeito transnacional, conforme história já narrada, ampara-se com a aprendizagem que o fez músico, na infância e adolescência como parte da Banda Paroquial, quando adulto na Banda Municipal de Porto Alegre e em quintetos e sextetos que viajavam pelo conesul americano. É interessante lembrar que a seleção feita para músico em orquestras muitas vezes não se dava a partir de uma seleção formal em que se baseava em formações acadêmicas, mas sim nas vivências e experiências anteriores.

Como a autora define o processo de seleção em orquestras:

Concursos para orquestras, por exemplo, exigem um repertório básico que o candidato precisa demonstrar saber interpretar com perícia (afinação e ritmo, além de musicalidade e outras qualidades subjetivas). Quanto a associações ou sindicatos, tampouco parecem indispensáveis, sendo pouco representativos. Ao contrário de um médico ou de um advogado não devidamente qualificado e licenciado, o músico não apresenta risco à sociedade; no máximo fere os ouvidos de um ouvinte mais exigente. (SIMÕES, 2011 p. 60)

Logo, a sua experiência anterior foi fundamental para sua inserção no espaço musical gaúcho do período, porém é importante ressaltar que, principalmente durante a década de 1930 uma série de restrições foram feitas para estrangeiros e/ou imigrantes assumissem papéis de destaque em grupos musicais e orquestras. Muitas vezes regulamentadas pelo próprio Sindicato de Músicos. No caso da capital gaúcha, o Sindicato de Músicos de Porto Alegre permitia apenas músicos que fossem brasileiros natos ou naturalizados, estes deveriam residir no Estado Brasileiro por pelo menos dez anos. (SIMÕES, 2016 p. 99).

Durante a década de 1950, Pappalardo fez seus últimos concertos como músico da agora chamada Orquestra Sinfônica de Porto Alegre, como a reportagem abaixo do Jornal do Dia demonstra um concerto que ocorreu na Universidade Católica do Rio Grande do Sul em meados de 1950.

Figura 26: Concerto na Universidade Católica

**CONCERTO NA UNIVERSIDADE CATÓLICA**

O Departamento Artístico da Universidade Católica do Rio Grande do Sul realizará domingo, dia 25, às 21 horas, no Salão Nobre desta Universidade, seu quinto concerto cultural. O programa elaborado para este concerto, que estará a cargo de seu Conjunto de Música de Câmara, é o seguinte: BYRD — Fantasia (2 violinos, 2 violas e 2 violoncelos); MOZART — Quarteto em Lá maior (Flauta, violino, viola e violoncelo); FRANÇA — Suite; HAYDN — Serenata; BOCCHERINI — Minueto (Quarteto d'arcos); BLISS — Quinteto (Oboé, 2 violinos, viola e violoncelo). Participarão do concerto do dia 25, que anunciamos, os seguintes instrumentos: Corte Real, Sílio Grandi, Germano Berner, José Voltz, Mário Peixoto, Adolfo Etges; José Pappalardo e Zacarias Valiatti. A entrada será franca.

Fonte: Jornal do Dia – 22 de junho de 1950

A participação em sociedade de José Pappalardo se deu a partir de suas duas capacitações adquiridas ainda na Itália, como músico participou de grandes eventos em rádios no estado gaúcho, inaugurações de espaços, e principalmente na formação do que se tornou a principal orquestra gaúcha. As suas ligações não se concentravam apenas a italianos, ou mais especificamente sicilianos, mas também alemães, brasileiros e argentinos.

As relações interétnicas de José se iniciam logo em sua chegada quando casou-se com Maria Berta, filha de uma imigrante alemã que chegou a Porto Alegre em meados da década de 1920 com suas filhas. Este casamento propiciou a estabilização da Fábrica de Massas, por que mesmo que fosse definida como uma fábrica italiana, com símbolos italianos, sua administração foi feita por maior parte de sua vida útil pela esposa alemã. Com esta conjuntura temos a filha desse casal, uma descendente híbrida, que opta por abandonar, em parte, as características de uma italianidade, mas abraçando uma ligação mais forte com a família materna, luterana e alemã. Casou-se na igreja luterana, aprendeu alemão, apesar da forte ligação que teve com a fábrica de massas de seu pai.

A música tal como a massa, eram partes de José. Como sua filha lembra-se dele, principalmente, como um sujeito que sempre prezou pelas suas características culturais, ela declara que sua “paixão” sempre foi a música, a

massa e reunir os amigos para desfrutar dos seus dotes (PAPPALARDO, 2015 p. 2).

Logo, este sujeito transnacional tinha como principal característica a sua italianidade fervorosa disponível a todos dentro da sociedade porto-alegrense, fosse por sua massa alimentícia, ou por seus concertos musicais. O transnacionalismo tornou-se um veículo de transmissão de significados simbólicos e culturais, seja italiano ou brasileiro, que a partir da história individual se desenvolve e cria elementos de ligação e integração entre as culturas.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando me propus em analisar a história da Fábrica de Massas Alimentícias José Pappalardo e de seus protagonistas, me comprometi em buscar nas mais diversas fontes que me permitissem construir a trajetória empresarial deste imigrante italiano, muitas vezes prejudicada pela falta de documentos. A questão norteadora foi atentar as características da inserção da empresa em Porto Alegre, e os caminhos estratégicos adotados pelo principal ator social, que aproveitou de recursos étnico contando com a presença de uma numerosa coletividade italiana. Ao tentar responder à questão, enfrentei algumas dificuldades, principalmente a procura de textos que pudessem contribuir para a construção do contexto. Mesmo trabalhando um período com tantas implicações históricas, as poucas pesquisas sobre a imigração no contexto urbano, acabaram dificultando um pouco a procura de respostas.

De fato, cheguei à conclusão, que apesar das grandes levas migratórias ter chegados no período anterior ao analisado, Porto Alegre conservou também nos anos sucessivos uma efervescência cultural e política, caracterizada também pela presença de comunidades étnicas que, apesar de viver um processo de integração, defendiam ainda seus traços culturais. Fábricas e atividades comerciais de imigrantes mantinham uma identidade ligada as origens dos seus donos, em sua maioria fazendo uso de recursos étnicos para valorizar seus produtos e sua inserção no mercado. O setor alimentício, em particular, se beneficiou entre os italianos e descendentes dessas possibilidades, considerando que a Itália sempre foi representada como a pátria exportadora de modelos e de costumes gastronômicos típicos da própria cultura, que se beneficiou, aliás, de uma grande riqueza de tradições diferenciadas entre as diversas regiões e territórios, historicamente impregnados de influências e sobreposições externas greco-romanas, árabes, espanholas, francesas etc..

Alicerçada nestes costumes alimentícios a fábrica aqui estudada permeou a paisagem porto-alegrense. Quando inserida, nos primeiros anos, em um campo onde haviam vários empreendimentos concorrentes, se destacou pela valorização da técnica semiartesanal aplicada em sua produção. Este processo ocorreu durante as décadas de 1930 e 1940, e atraiu um grande público e compradores das diversas tipologias de massas que produziam. Primeiramente

estabelecida no Bairro Bomfim, região central da capital gaúcha que recebeu a atenção de muitos italianos empreendedores nas primeiras décadas do século XX. Neste momento interagiu com diversos clientes: ressaltou o Restaurante Ghilosso e vários outros mercados urbanos. Pappalardo foi capaz de construir uma rede de reciprocidade entre os conterrâneos moradores da cidade, também interagindo e potenciando formas de sociabilidades através da sua participação na Banda Municipal de Porto Alegre, que manteve por muito tempo uma conotação majoritariamente italiana.

Em poucos anos precisou expandir seu estabelecimento, transferindo-se para o bairro Parthenon, onde atingiu seu ápice dentro do espaço que conquistou, em uma sociedade que vivia mudanças constantes, tanto políticas como econômicas. A fábrica tentou se adaptar a elas, sucumbindo quando os processos e o público, já preferiam um produto que não presava apenas a qualidade italiana, mas sim fosse melhor distribuído e mais acessível economicamente. Percebi que a fábrica de massas se encaminhou para o mesmo destino de muitas outras “italianas”, como por exemplo a tradicional Fábrica Natale Grimaldi, um grande empreendimento no setor alimentício em Porto Alegre que sucumbiu ao não se adaptar aos novos processos e técnicas. Em meados da década de 1940, concomitantemente, a fábrica dos Pappalardo atingiu o seu maior patamar, mostrando junto com outras novas fábricas italianas (como a Liguori e a Damiani) uma predisposição a se adaptar as novidades tecnológicas e à modernidade. Na década de 1960, porém, entrou em uma fase de declínio, devida principalmente a uma fortíssima concorrência industrial. Analisar esta trajetória nos proporcionou o entendimento de um processo comum à muitos imigrantes urbanos. José Pappalardo, como muitos conterrâneos, utilizou seus conhecimentos prévios como meio de inserção profissional na cidade, beneficiando-se de uma dupla qualificação, no campo alimentício e musical.

Os golpes sofridos pelo surgimento de novas fábricas, relacionavam-se ao novo cenário urbano que assistiu nas décadas de 1960 e 1970, a um crescimento exponencial de empreendimentos industriais nesse setor. Eles produziam e comercializavam alimentos com um custo benefício mais baixo e em larga escala atraíram os compradores, principalmente àqueles de origem mais humilde.

A fábrica pesquisada esteve permeando um contexto que viveu diversas mudanças, tanto politicamente como socialmente. Estudar a trajetória de um imigrante italiano em Porto Alegre ajudou a perceber as dificuldades muitas vezes enfrentadas, mesmo ele sendo funcionário público e empreendedor, revelando-nos o sistema e as escolhas de inserção em uma sociedade multiétnica. Iniciei esta pesquisa com uma frase de Maria Graça relativa ao seu pai: *“Ele sabia que precisava trabalhar”*, e de fato a inserção profissional e a obtenção de objetivos importantes foram alcançados. Através do trabalho, porém, não se procurou criar a figura estereotipada do *self made man* que constrói a sua carreira de forma totalmente autônoma. José, além das capacidades individuais e da qualificação em dois setores profissionais, se beneficiou das estruturas étnico sociais, nas quais era inserido. Se tornaram, assim, fundamentais na sua trajetória, as redes e as relações interpessoais, os vínculos de parentesco, amizade e comunhão de origem, os chamados *networks étnicos* que sempre alimentaram os fluxos migratórios históricos no mundo.

Pode-se concluir que a trajetória deste indivíduo, além das peculiaridades evidenciadas, pode ser utilizada como caso emblemático para reforçar a imagem do imigrante italiano “urbano” no Novo Mundo. José Pappalardo exemplificou as características de uma mobilidade dinâmica e transnacional, que envolveu além da travessia transoceânica, etapas internas nos principais centros do Cone Sul, à procura de oportunidades. Como a maioria dos imigrantes, aproveitou suas redes e recursos étnicos como meio de inserção. Finalmente, demonstrou-se que em todos estes momentos, a sua italianidade esteve presente.

## BIBLIOGRAFIA

ALVIM, Zuleika M. F. **Brava Gente! Os italianos em São Paulo**. 2ª Edição. São Paulo: Brasiliense, 1986.

AMBROSINI, Maurizio. **Intraprendere fra due mondi**. Bologna: Società editrice il Mulino, 2009.

ANJOS, Marcos Hallal dos. **Estrangeiros e modernização: a cidade de Pelotas no último quartel do século XIX**. 1996. 127 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.

BAKOS, Margaret Marchiori. **Porto Alegre e seus eterno intendentess**. 2ª Ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013, p. 220.

BAO, Carlos Eduardo. **A invenção da italianidade no Brasil: contribuição para um olhar descontínuo**. XXVIII Simpósio Nacional de História. IN: [http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1434420372\\_ARQUIVO\\_BAO\\_CarlosEduardo\\_AinvencaodaitalianidadenoBrasil\\_ANPUH2015.pdf](http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1434420372_ARQUIVO_BAO_CarlosEduardo_AinvencaodaitalianidadenoBrasil_ANPUH2015.pdf). 2015 p.17

BERNASCONI, Alicia. “Imigrantes Italianos na Argentina (1880 - 1930): Uma Aproximação”. In: FAUSTO, Boris (Org.). **Fazer a América: A Imigração em Massa para a América Latina**. São Paulo: EdUsp, 1999

BHABA, Homi K. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG. 1998, p. 395.

BORGES, Stella. **Italianos: Porto Alegre e trabalho**. Porto Alegre: EST, 1993

BOURDIEU, Pierre. A Ilusão Biográfica. IN: FIGUEIREDO, Janaína P. Amado Baptista de. FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. 8ª edição, Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006 p. 304

BRUM, Rosemary Fritsch. **Uma Cidade que se conta: Imigrantes italianos e narrativas no espaço social da cidade de Porto Alegre (1920 – 1937)**. 2003. 408 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003

CAPUTO, Ana Cláudia. MELO, Hildete. **A Industrialização Brasileira nos Anos de 1950: Uma Análise da Instrução 113 da SUMOC**. Est. econ., São Paulo, v.

39, n. 3, p. 513-538, JULHO-SETEMBRO 2009  
<<http://www.scielo.br/pdf/ee/v39n3/v39n3a03.pdf>>

CASTRO, Armando Barros de. Observações sobre a indústria brasileira de alimentos. **Rev. adm. empres.**, São Paulo, v. 17, n. 6, p. 71-79, Dec. 1977. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-75901977000600005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75901977000600005&lng=en&nrm=iso)>. access on 04 Mar. 2018.

CHARÃO, Egiselda Brum. **Maria Faccin: De Ponzano a Porto Alegre, os fragmentos de uma memória quase esquecida na escrita de si.** Oficina do Historiador, Porto Alegre, EDIPUCRS, Suplemento especial – I EPHIS/PUCRS - 27 a 29.05.2014, p.755-772

CHARÃO, Egiselda Brum. **Mulheres italianas e trabalho em Porto Alegre/RS (1945-1965): história de uma imigração esquecida.** 2015. 207 f. Dissertação (Mestrado em História) Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

**CINQUANTENARIO della colonizzazione italiana nel Rio Grande del Sud: 1875-1925.** Porto Alegre: Posenato Arte & Cultura, 2000. v. I-II.

COLLAÇO, Janine Helfst Leicht. **Sabores e memórias: cozinha italiana e a construção da identidade em São Paulo.** 279 p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo: 2009

CONEDERA, Leonardo de O. **A Imigração Italiana no Pós-Guerra em Porto Alegre: Memórias, narrativas, identidades de sicilianos (1946 – 1976).** 2012. 155 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

CONEDERA, Leonardo. **MÚSICOS NO NOVO MUNDO: A PRESENÇA DE MUSICISTAS ITALIANOS NA BANDA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE (1925-1950)** Tese (Doutorado em História - Escola de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica, 2017

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. **O italiano da esquina: meridionais na sociedade porto – alegre e permanência da identidade entre moranenses.** Porto Alegre: EST, 2007.

\_\_\_\_\_. **Estudos de imigração italiana: tendências historiográficas no Brasil meridional.** IN: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011

\_\_\_\_\_. **“Imigrantes italianos: partir, transitar, chegar”.** In: Reckziegel, Ana Luiza Setti; AXT, Gunter (Org.). História geral do Rio Grande do Sul. República Velha (1889 – 1930). Passo Fundo: Méritos, 2007. v. 3, p. 395 - 418.

\_\_\_\_\_. **Italiano na cidade ACIRS**

\_\_\_\_\_. **“A presença italiana no Uruguay e os italianos de Porto Alegre”.** Hoy es Historia, v. 29, p. 59-68, 1988.

CARMO, Maria Silvia Micelli. PASSOS, Maria Consuelo. **A mulher imigrantes italiana e o uso da comida: uma experiência de transicionalidade.** Mental - ano III - n. 5 - Barbacena - nov. 2115 - p. 229-242

CORRÊA, Angela Siegel. **IMPRENSA POLÍTICA E PENSAMENTO REPUBLICANO NO PARANÁ NO FINAL DO XIX.** Rev. Sociol. Polít., Curitiba, v. 17, n. 32, p. 139-158, fev. 2009.  
<<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v17n32/v17n32a09.pdf>>

CRISTINA BRAGA MARTES, Ana. **Etnicidade, marketing e empreendedorismo: entrevista com Marilyn Halter.** Rev. adm. empres., São Paulo , v. 46, n. 4, p. 1-6, Dec. 2006 . Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-75902006000400009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75902006000400009&lng=en&nrm=iso)>. access on 04 Mar. 2018.

DALMOLIN, Cátia. **Mordaça Verde e Amarela: Imigrantes e Descendentes no Estado Novo.** Porto Alegre: Ed. Pallotti. 2005 p. 216.

DE RUGGIERO, Antonio. “Os italianos nos contextos urbanos do Rio Grande do Sul: Perspectivas de pesquisa”. In: VENDRAME, Maíra Ines; KARBURG, Alexandre; WEBER, Beatriz; FARINATTI, Luis Augusto. **Micro-história, trajetórias e imigração.** São Leopoldo: Oikos, 2015.

DE RUGGIERO, Antonio. **A saudade dos sabores e o comércio étnico dos imigrantes italianos no Brasil (1875 - 1914)** IN: Revista Prâksis, Novo Hamburgo| a. 15 | n. 1| jan/jun 2018 p. 121 - 138.

FACCHINETTI, Luciana. **A imigração italiana no segundo pós-guerra e a indústria brasileira nos anos 50.** Dissertação (Mestrado em História) 139p.

Departamento de História – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 2003.

FAY, Claudia Musa; DE RUGGIERO, Antonio (Org). **Imigrantes empreendedores na história do Brasil: estudos de casos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. 207 p.

FORTES, Alexandre. **Nós do quarto distrito: A classe trabalhadora portoalegrense e a Era Vargas**. Caxias do Sul: EDUCS; Rio de Janeiro: Ed. Garamond, 2004 p. 459

FRANCO, Sérgio da Costa. **Porto Alegre e seu comércio**. Porto Alegre: Ed. Associação Comercial de Porto Alegre. 1983 p. 192.

FRANCO, Sérgio da Costa. **Porto Alegre: Guia Histórico**. Porto Alegre: Ed. UFRGS. 1988 p. 441

FRIDRICH, Fabiana H. SOARES, André Luis Ramos. **Alimentação: o trabalho de preservar e elaborar a Identidade e a memória dos imigrantes alemães na colônia de Santo Ângelo/RS (1850 - 1900)**. Revista Oficina do Historiador, Porto Alegre. p. 641 - 654

HUTTER, Lucy Maffei. **Imigração Italiana: Aspectos do processo imigratório**. IN Revista Instituto de Estudos Brasileiros, São Paulo, 27: 59 – 73, 1987

JONATHAN, Eva G.; SILVA, Taissa M. R. da. Empreendedorismo feminino: tecendo a trama de demandas conflitantes. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre , v. 19, n. 1, p. 77-84, Apr. 2007 . Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822007000100011&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822007000100011&lng=en&nrm=iso)>. access on 04 Mar. 2018.

LIMA, Maria José de Oliveira. **O processo de modernização das organizações empresariais**. [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 240 p. ISBN 978-85-7983-037-2. Available from SciELO Books . <<http://books.scielo.org/id/cbyx4/pdf/lima-9788579830372-02.pdf>>

MARIO SERRA TRUZZI, Oswaldo; SACOMANO NETO, Mário. **Economia e empreendedorismo étnico: balanço histórico da experiência paulista**. Rev. adm. empres., São Paulo , v. 47, n. 2, p. 1-12, June 2007 . Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-75902007000200005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75902007000200005&lng=en&nrm=iso)>. access on 04 Mar. 2018

MONTANARI, Massimo. **Comida como Cultura**. 2ª Edição. São Paulo: SENAC - SP, 2013.

MONTANARI, Massimo. **O MUNDO NA COZINHA: História, Identidade, trocas**. 1ª Edição. São Paulo: Estação Liberdade, 2009

MONTEIRO, Charles. **Porto Alegre: Urbanização e Modernidade**. Porto Alegre: Edipucrs, 1995.

OLIVEIRA, Flávia Arlanch Martins de. Padrões alimentares em mudança: a cozinha italiana no interior paulista. **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo, v. 26, n. 51, p. 47-62, June 2006. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01882006000100004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882006000100004&lng=en&nrm=iso)>. access on 04 Mar. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-01882006000100004>.

ORTOLEVA, Peppino. **La tradizione e l'abbondanza. Riflessioni sulla cucina degli italiani d'America**. *Altretalie* 7, gennaio – giugno. 1992 Edizioni della Fondazione Giovanni Agnelli.

PACHECO, Ricardo de Aguiar. **A modernidade envolve o campo político: representações e práticas do processo eleitoral na Porto Alegre da década de 1920**. IN: *Revista Brasileira de História*, vol. 25, nº 50. São Paulo - p. 97 - 130

PECCINI, Rosana. **A invenção da galeteria: O galeto *al primo canto* e o patrimônio cultural de Caxias do Sul**. Caxias do Sul: EDUCS, 2011.

PESAVENTO, Sandra Jatay. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica. 2007 p. 136

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212

POLLINI, Gabriele & SCIDÁ, Giuseppe. **Sociologia delle migrazioni e della società multiétnica**. Milão: Ed. FrancoAngeli, 2002.

POSSAMAI, Ana Maria De Paris; PECCINI, Rosana (Org). **Turismo, História e Gastronomia: uma viagem pelos sabores**. Caxias do Sul: EDUCS, 2011.

REZENDE, Dimitri Fazito de Almeida. **Transnacionalismo e Etnicidade: A construção histórica do *Romanesthàn* (Nação Cigana)**. 192 p. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: 2000.

<<http://www.antropologia.com.br/divu/colab/d11-dimitri.pdf>> acesso 28/02/2018 às 14h

SANTOS, Antônio Augusto Mayer dos. **Prefeitos de Porto Alegre: cotidiano e administração da capital gaúcha entre 1889 e 2012**. Porto Alegre: Verbo Jurídico, 2012. 344p.

SCHMIDT, Diogo Serafim. **Valores étnicos e empreendedorismo: Estudo sobre a mentalidade empreendedora de descendentes de alemães e italianos no Rio Grande do Sul**. 146 p. Dissertação (Mestrado em Sociologia) Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

SEYFERTH, Giralda. **As identidades dos imigrantes e o melting pot nacional**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 6, n. 14, p. 143-176, nov. 2000

SIMÕES, Júlia da Rosa. **Na pauta da lei: trabalho, organização sindical e luta por direitos entre músicos porto - alegrense (1934 - 1963)** Tese (Doutorado em História). 224 p.. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016.

Simões, Julia da Rosa. **Ser músico e viver da música no Brasil: um estudo da trajetória do centro musical Porto - Alegrense (1920 - 1933)**. 263 p. Dissertação (Mestrado em História) Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

SINGER, Paul. **Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana**. Ed Nacional. 1968 p. 378.

SOARES, Weber. RODRIGUES, Roberto Nascimento. **REDES SOCIAIS E CONEXÕES PROVÁVEIS ENTRE MIGRAÇÕES INTERNAS E EMIGRAÇÃO INTERNACIONAL DE BRASILEIROS**. SÃO PAULO EM PERSPECTIVA, v. 19, n. 3, p. 64-76, jul./set. 2005

TRENTO, Angelo. **Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil**. São Paulo: Nobel, 1989.

TRUZZI, Oswaldo. **Redes em processos migratórios**. Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 20, n. 1. P. 199 – 218

VENDRAME, Maíra Ines; KARSBURG, Alexandre; WEBER, Beatriz; FARINATTI, Luís Augusto (Orgs.). **Micro-história, trajetórias e imigração**. São

Leopoldo: Oikos, 2015.  
VENDRAME, Maria Inês; KARSBURG, Alexandre; MOREIRA, Paulo Roberto Staudt (Orgs.). **Ensaio de Micro-História, Trajetórias e Imigração**. São Leopoldo: OIKOS, 2016.

WEBER, Regina. **Imigração e Identidade étnica: Temáticas historiográficas e conceituações**. Revista Dimensões, 2006 vol 18. p. 236 - 250. <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/148537/000644090.pdf?sequence=1>>

ZANFRINI, Laura. **Sociologia delle Migrazioni**. 2º edição. Roma: Editori Laterza, 2007.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. **Um olhar antropológico sobre fatos e memórias da imigração italiana**. Mana, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 521-547, Oct. 2007. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-93132007000200009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132007000200009&lng=en&nrm=iso)>. access on 04 Mar. 2018.

\_\_\_\_\_. **Italianidade no Brasil Meridional** - A construção da Identidade Étnica na Região de Santa Maria – RS. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2006, p. 256.